



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS/PGLETRAS
MESTRADO ACADÊMICO

**UNIDADES FRASEOLÓGICAS DO PORTUGUÊS EM CONTATO COM O FALAR
GUAJAJÁRA (TUPI-GUARANI)**

FRANCISCA IMACULADA SANTOS OLIVEIRA

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. MARIA DE FÁTIMA SOPAS ROCHA

SÃO LUÍS (MA)

2017

FRANCISCA IMACULADA SANTOS OLIVEIRA

**UNIDADES FRASEOLÓGICAS DO PORTUGUÊS EM CONTATO COM O FALAR
GUAJAJÁRA (TUPI-GUARANI)**

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Letras/PGLetras, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito final para a obtenção do título de mestre.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Sopas Rocha.

SÃO LUÍS (MA)

2017

**UNIDADES FRASEOLÓGICAS DO PORTUGUÊS EM CONTATO COM O FALAR
GUAJAJÁRA (TUPI-GUARANI)**

DATA PARA DEFESA DA DISSERTAÇÃO: 7 DE ABRIL DE 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Maria de Fátima Sopas Rocha - UFMA
Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Elizabete Aparecida Marques - UFMS
Examinador

Prof^ª. Dr^ª. Veraluce da Silva Lima - UFMA
Examinador

SÃO LUÍS (MA)
2017

LISTA DE QUADROS, IMAGENS e MAPAS

Quadro 1 – Denominações das fraseologias.....	22
Quadro 2 – Línguas da família Tupí-Guaraní no Brasil.....	37
Quadro 3 – As terras indígenas dos guajajáras.....	39
Quadro 4 – Estratificação dos informantes selecionados para a pesquisa.....	49
Quadro 5 – Códigos para referência dos informantes.....	50
Quadro 6 – Fraseologias dicionarizadas.....	75
Quadro 7 – Levantamento em dicionários fraseológicos e obras sobre fraseologias.....	78
Imagem 1 – Proposta de Corpos Pastor de classificação das unidades fraseológicas (1996).....	31
Imagem 2 – Casa na entrada da aldeia.....	47
Imagem 3 – Placa que sinaliza a entrada da aldeia.....	47
Mapa 1 - Cidade de Barra do Corda (MA).....	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALIMA – Atlas Linguístico do Maranhão

ALIPA - Atlas Linguístico do Pará

ALSLIB - Atlas Linguístico e Sonoro de Língua Indígena do Brasil

CIMI - Conselho Indianista Missionário

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

DR^a. - Doutora

Dr. – Doutor

EX. - Exemplo

FAPEMA - Fundação de Pesquisa do Maranhão

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

GEOLINTERM - Geossociolinguística e Terminologia

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MA – Maranhão

PBV – Português Brasileiro Vernáculo

PG - Pós-Graduação

PROF^a. – Professora

SBT – Sistema Brasileiro Vernáculo

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

UFPA - Universidade Federal do Pará

A matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a 'bela linguagem', mas todas as formas de expressão. (SAUSSURE, 2006, p. 13).

À pessoa que exerceu em minha vida o papel de pai e mãe
ao mesmo tempo – minha mãe (*in memoriam*). A pessoa
a quem devo tudo o que sou!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me concedido a vida e ter me conduzido à realização deste trabalho.

À minha família, meus irmãos e, sobretudo, à minha mãe (*in memoriam*), pois sempre me deu incentivo para estudar. Mesmo não podendo ficar até o final de minha trajetória no mestrado, foi a pessoa que mais contribuiu para que eu pudesse obter o título de mestre.

Enfatizo agradecimento especial à professora Fátima, por tudo que, no período de pesquisa no mestrado, pude aprender com ela, por ter aceitado orientar meu trabalho e ter proporcionado grandes momentos de aprendizagens.

Aos professores do PGLetras da UFMA, em especial aos professores: Conceição, Veraluce e Mendes que, em muitos momentos difíceis, não mediram esforços para me ajudar no que fosse possível.

Agradeço aos índios guajajáras da aldeia Cachoeira por terem aceitado que eu realizasse a pesquisa com eles e por todo o acolhimento que me deram no período de estadia na aldeia.

À dona Eliene e sua filha, Bia, pelo acolhimento que me deram quando eu precisava ir à cidade de Barra do Corda realizar a pesquisa.

Ao programa de Pós-Graduação, Mestrado em Estudos de Linguagem, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campo Grande, por ter contribuído para que eu realizasse estágio de curta duração como aluna especial.

Às professoras Aparecida Negri Isquerdo e Elizabete Aparecida Marques, por terem aceitado minha participação como aluna especial no Mestrado em Linguagem e por todo o acolhimento, apoio e aprendizado que me proporcionaram.

Enfatizo meus sinceros agradecimentos à professora Elizabete não só por ter aceitado participar da banca de minha dissertação, mas também por sempre ser solícita e não ter me recusado ajuda quando eu precisei.

À Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico do Maranhão (FAPEMA) pelo incentivo financeiro para realização da pesquisa e apoio para a minha participação em eventos científicos.

Aos meus grandes amigos, Biel, Theci, Edson, Flavinha, Lú, Manu, Thay, pois dividimos momentos difíceis, de cada trabalho realizado, nas disciplinas do curso e, principalm compartilhamos momentos de alegria, os quais jamais serão esquecidos. Todos os momentos que dividimos levarei para a vida toda.

RESUMO

Neste trabalho temos como objetivo geral investigar unidades fraseológicas do português em contato com o falar Guajajára (Tupí-Guaraní), língua materna da comunidade indígena aldeia Cachoeira, com o intuito de contribuir para a descrição das unidades fraseológicas que são proferidas em português por falantes não nativos dessa língua. Além desse objetivo geral, em nossa pesquisa apresentamos outros mais específicos: a) dar início à constituição de um banco de dados do português falado como segunda língua; b) identificar unidades fraseológicas em português no falar guajajára; c) realizar um levantamento, em dicionários fraseológicos e em obras sobre falares da língua portuguesa, com o intuito de verificar a dicionarização das unidades fraseológicas coletadas na fala indígena; d) contribuir para a preservação cultural e para a documentação do uso das unidades fraseológicas do português, no falar dos guajajaras. Para tanto, realizamos três etapas de pesquisa de campo. O local da pesquisa foi a cidade de Barra do Corda (MA), na terra indígena Cana Brava, com índios residentes na aldeia Cachoeira. A coleta de dados foi realizada *in loco*, por meio de coleta de narrativas orais pessoais, obtidas de uma amostra de 10 informantes. O trabalho se justifica pela insuficiência de pesquisas científicas sobre unidades fraseológicas do português em contato com a língua indígena e pela importância de se investigar as fraseologias presentes no léxico da língua portuguesa, como segunda língua. Pautamo-nos como suporte teórico-metodológico em Labov (2008); Tarallo (2001) e Calvet (2002); Biderman (2001); Vilela (1979); Rodrigues (1986); Montoro del Arco (2006), Corpas Pastor (1996) e Salah Mejri (2012). Com a realização da pesquisa, alcançamos os objetivos que propusemos, pois identificamos 51 unidades fraseológicas e verificamos o registro de 6 dessas expressões no levantamento realizado em obras especializadas.

Palavras-chave: Léxico. Unidades fraseológicas. Índios guajajaras.

ABSTRACT

The main aim of this work is investigate Portuguese phonological units in contact with the Guajajara (Tupi-Guarani), native language of the Cachoeira village indigenous community, with the purpose of contributing to the description of the phraseological units that are spoken in Portuguese by non-native speakers Native speakers of that language. In addition to this general objective, in our research we present other more specific ones: a) To initiate the constitution of a database of Portuguese spoken as a second language; B) Identify phraseological units in Portuguese in the guajajara language; C) To carry out a survey, in phraseological dictionaries and in works on Portuguese speaking words, with the purpose of verifying the dictionalization of the phraseological units collected in the indigenous speech; D) To contribute to the cultural preservation and documentation of the use of Portuguese phraseological units, in the speaking of the guajajaras. To do so, we perform three stages of field research. The research site was the city of Barra do Corda (MA), in the Cana Brava indigenous land, with Indians living in the village Cachoeira. Data were collected locally, through the collection of personal oral narratives, obtained from a sample of 10 informants. The work is justified by the lack of scientific research on Portuguese phraseological units in contact with the indigenous language and the importance of investigating the phraseologies present in the lexicon of Portuguese as a second language. We call ourselves a theoretical-methodological support in Labov (2008); Tarallo (2001) and Calvet (2002); Biderman (2001); Vilela (1979); Rodrigues (1986); Montoro del Arco (2006), Corpas Pastor (1996) and Salah Mejri (2012). With the realization of the research, we believe that we have achieved the objectives we have proposed and will contribute to the description of Portuguese spoken in indigenous areas.

Keywords: Lexicon. Phraseological units. Guajajara Indians.

SUMÁRIO

RESUMO.....	9
ABSTRACT.....	10
INTRODUÇÃO.....	13
1 LEXICOLOGIA E FRASEOLOGIA.....	18
1.1 O estudo do léxico.....	18
1.2 Língua e sociedade.....	19
1.3 As unidades fraseológicas.....	20
1.4 A lexicalização e a influência dos culturemas no surgimento das fraseologias.....	23
1.4.1 Culturemas.....	23
1.4.2 A lexicalização.....	24
1.4.2.1 A lexicalização como neologismo fraseológico.....	26
1.4.3 A influência dos culturemas para o surgimento das fraseologias.....	27
1.5 Unidades fraseológicas <i>versus</i> expressões cristalizadas.....	28
1.6 Abordagens ampla e estrita de unidades fraseológicas.....	29
1.6.1 Classificação de unidades fraseológicas numa visão ampla.....	30
2 O PORTUGUÊS EM CONTATO E AS LÍNGUAS INDÍGENAS.....	33
2.1 O português em contato.....	33
2.2 As línguas indígenas.....	34
2.3 A família Tupí-Guaraní.....	37
2.4 Os índios guajajáras.....	39
3 METODOLOGIA.....	42
3.1 Tipo de pesquisa.....	42
3.2 A realização da pesquisa.....	42
3.3 Passos preliminares: seleção do local da pesquisa.....	43
3.3.1 Instituições consultadas.....	44
3.3.2 Local da pesquisa: cidade de Barra do Corda (MA).....	45
3.4 Os guajajáras da aldeia Cachoeira.....	46
3.5 Definição dos informantes.....	48
3.5.1 Ficha da localidade e ficha dos informantes.....	49
3.5.2 Códigos utilizados para referenciação dos informantes.....	50
3.6 Definição do instrumento da coleta de dados.....	51
3.6.1 Temáticas das narrativas orais pessoais.....	52
3.6.2 Coleta de narrativas orais pessoais.....	52
3.6.3 Gravações e manuseamento dos dados.....	52
3.7 Descrição da realização da pesquisa de campo.....	53
3.7.1 Primeiro momento da pesquisa de campo.....	53
3.7.2 Segundo momento da pesquisa de campo.....	55
3.7.3 Terceiro momento da pesquisa de campo.....	56
3.8 Identificação de unidades fraseológicas.....	57
3.8.1 Tratamento e análise dos dados.....	57
3.8.2 Consulta em dicionários fraseológicos e obras sobre o falar maranhense, para	

levantamento de dados.....	58
3.8.3 Descrição das obras consultadas.....	59
3.9 Procedimentos adotados para a organização dos resultados.....	59
3.9.1 Procedimentos para a apresentação das fraseologias identificadas.....	60
3.9.2 Distribuição do resultado do levantamento realizado nas obras consultadas.....	61
4 RESULTADOS.....	63
4.1 Descrição das unidades fraseológicas identificadas no falar dos guajajáras.....	63
4.1.1 Fraseologias da língua portuguesa identificadas na fala dos índios guajajáras.....	63
4.2 Levantamento das unidades fraseológicas em seis obras especializadas.....	75
4.2.1 Resultado do levantamento das unidades fraseológicas.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS.....	82
APÊNDICES.....	85

INTRODUÇÃO

A língua é parte da cultura de um povo, sendo ao mesmo tempo produto e expressão dessa cultura, e é natural que haja, no universo de cada comunidade, usos linguísticos que lhe são específicos. Muitas vezes, os falantes utilizam formas tão características de sua cultura, como algumas estruturas cristalizadas, que se torna difícil a tradução para outras línguas.

No português brasileiro há várias expressões com essas características. Um falante, ao usar, por exemplo, a expressão *bateu as botas*¹, anuncia que alguém morreu. Essa mesma frase, se traduzida para outra língua, respeitando o significado isolado de cada item lexical, dificilmente terá um significado similar ao que, culturalmente, é aceito na língua de origem.

Embora seja um fenômeno linguístico que pode ser evidenciado em todas as línguas, um universal linguístico (MEJRI, 2012), quando se fala das unidades fraseológicas, há poucos estudos para compreender e explicar satisfatoriamente tal fenômeno. Biderman (2005), por exemplo, fala da necessidade de haver nos estudos linguísticos uma metodologia que possibilite trabalhar especificamente com as unidades fraseológicas. A complexidade das características dessas expressões decorre da dificuldade de generalização acerca de sua constituição, da inexistência de regularidade estrutural, do fato de apresentarem uma variação que depende de fatores culturais e linguísticos e da circunstância de terem seu significado construído coletivamente.

Em trabalhos sobre o assunto, verificamos que a literatura sobre a descrição do português brasileiro revela que essa variedade da língua portuguesa tem sido amplamente estudada em duas perspectivas: a que toma como objeto de estudo o português padrão e a que trata do português falado em áreas em que essa língua convive com outros idiomas, e que, por essa razão, é passível de apresentar influência linguística típica da comunidade linguística em questão.

Nessa última perspectiva, destacamos os estudos sobre o português em contato com línguas estrangeiras como o espanhol, o italiano, o inglês, mas é importante verificar também como essa língua se comporta em espaços sociolinguísticos em que convive com línguas indígenas. Nesse sentido, o Brasil, país que comporta mais de 200 línguas indígenas, é um campo muito fértil para esse tipo de pesquisa. É, portanto, pertinente, cada vez mais, a realização de pesquisas linguísticas considerando o português em situação de contato com

¹ Exemplo extraído da página web dicionário de expressões. Disponível em: <http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Bater%20as%20botas>. Acesso em 22 maio de 2016.

falantes indígenas bilíngues.

Destacamos, com efeito, a importância de realização de pesquisas sobre as fraseologias na perspectiva do contato, sobretudo referentes ao contato com o falar indígena, uma vez que no Brasil, embora existam várias pesquisas sobre as unidades fraseológicas, os trabalhos já realizados, em sua maioria, são relacionados ao português como primeira língua. Considerando esse contexto, acreditamos que pesquisas com o olhar pautado nas unidades fraseológicas proferidas em língua portuguesa, por falantes de línguas indígenas, precisam ser realizadas e receber um olhar especial nos estudos linguísticos. É nesse cenário que a pesquisa realizada com este trabalho se enquadra.

A pesquisa aqui proposta toma como estudo as unidades fraseológicas faladas em português por índios guajajáras (Tupi-Guarani), o que constitui, até onde sabemos, algo novo no campo dos estudos linguísticos.

Ressaltamos, ainda, que os índios falantes da língua guajajára que habitam em localidades de municípios do estado do Maranhão tiveram, e ainda têm, forte contato com a língua portuguesa, o que, conseqüentemente, tem conseqüências nas relações entre essas línguas. E essas conseqüências podem se manifestar no nível fonético-fonológico, morfossintático, semântico e, sobretudo, no nível lexical. Assim, levantamos os seguintes questionamentos: Os índios guajajáras bilíngues, em interações sociocomunicativas, fazem uso de fraseologias na língua portuguesa? Quais são as fraseologias faladas na língua portuguesa pelos guajajáras? Que conteúdo semântico-lexical veiculam essas fraseologias?

A partir dos questionamentos acima levantamos a hipótese de trabalho de que o uso de fraseologias é uma realidade presente no léxico da língua portuguesa falada como segunda língua por índios guajajáras da aldeia Cachoeira e que essas expressões podem se comportar, estrutural e semanticamente, de forma similar às dos falantes do português como primeira língua.

O objetivo geral deste trabalho é, portanto, investigar unidades fraseológicas do português em contato com o falar guajajára (Tupi-Guarani), língua materna da comunidade indígena aldeia Cachoeira, com o intuito de contribuir para a descrição das unidades fraseológicas que são proferidas em português por falantes não nativos dessa língua. São objetivos específicos: a) dar início à constituição de um banco de dados do português falado como segunda língua; b) identificar unidades fraseológicas em português no falar guajajára; c) realizar um levantamento, em dicionários fraseológicos e em obras sobre falares regionais da língua portuguesa, com o intuito de verificar a dicionarização das unidades fraseológicas coletadas na fala indígena; d) contribuir para a preservação cultural e para a documentação do

uso das unidades fraseológicas do português, no falar dos guajajáras. Entre as justificativas para a realização desta pesquisa, destacamos: i) o fato de o português de contato com línguas indígenas ser pouco estudado no âmbito dos estudos linguísticos; ii) a possibilidade de, com a realização desta pesquisa, podermos dar início à constituição de um banco de dados do português falado por índios; iii) a contribuição que este trabalho poderá dar a projetos e pesquisas que fomentem interesse em estudar fraseologias na língua portuguesa como segunda língua. Soma-se a isso o fato de que, até onde pudemos investigar, não há, atualmente, outros trabalhos que tratem das unidades fraseológicas em português de contato com línguas indígenas.

Assim, um trabalho que se proponha a investigar, identificar e descrever a ocorrência de unidades fraseológicas do português de contato com o guajajára, pode contribuir para a descrição linguística, mas, ainda, para resgatar e preservar traços das tradições linguísticas e culturais dos falantes dessa comunidade.

Escolhemos o português de contato com o guajajára pelo fato desta ser uma das línguas indígenas pertencentes ao quadro de pesquisa definido pelo projeto Atlas Linguístico Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil (ALSLIB), o qual conta com a participação de pesquisadores do projeto Geossociolinguística e Socioterminologia (GEOLINTERM), desenvolvido na Universidade Federal do Pará (UFPA), do qual participamos.

Para este estudo, o local da pesquisa foi a cidade de Barra do Corda (MA), na terra indígena Cana Brava, com índios residentes na aldeia Cachoeira. A coleta de dados foi realizada *in loco*, por meio de narrativas orais pessoais, coletadas de uma amostra de 10 informantes.

Para o desenvolvimento do trabalho, realizamos três momentos de pesquisa de campo. No primeiro momento, o intuito foi o de realizar o levantamento sobre a comunidade indígena da aldeia Cachoeira e apurarmos uma visão geral sobre como é a vida cotidiana nessa localidade. Para isso, foram realizadas quatro visitas à aldeia.

No segundo momento, realizamos gravação das narrativas orais pessoais. Essa fase da pesquisa, em razão da entrevista individual com os informantes, demandou mais dias. Houve, nesse sentido, a necessidade de ficarmos em tempo integral na própria aldeia, o que certamente contribuiu para vivenciarmos de forma mais aprofundada o convívio com os índios.

No último momento da pesquisa de campo demos continuidade às gravações e coleta das narrativas. Como os informantes já estavam selecionados desde a visita anterior², ao chegarmos à aldeia precisamos apenas organizar a disponibilidade dos informantes, a ordem e

² Esses 4 informantes são aqueles que precisamos selecionar em razão da desistência de alguns informantes.

os horários da gravação com cada informante. Para esse último momento da pesquisa de campo também ficamos em tempo integral na aldeia durante 4 dias, dedicados à pesquisa.

Para a identificação de unidades fraseológicas, conforme sinalizamos no capítulo teórico, compartilhamos da concepção de uma unidade fraseológica sob uma visão ampla. Pautamo-nos, como base de suporte teórico-metodológico, nos seguintes pesquisadores: a) para a organização do instrumento de pesquisa e realização da pesquisa de campo, consideramos as orientações básicas da sociolinguística apresentadas por Labov (2008), Tarallo (2001) e Calvet (2002); b) para a compreensão e estudo do léxico, pautamo-nos no trabalho de Bideman (2001); c) para ancorarmos nossos estudos sobre questões indígenas, adotamos a pesquisa realizada por Rodrigues (1986); d) para aprofundar nosso conhecimento sobre Fraseologia e também sobre critérios de identificação de unidades fraseológicas, tomamos como base as contribuições de Montoro (2005), Montoro del Arco (2006), Corpas Pastor (1996) e Salah Mejri (2009, 2010).

A realização do trabalho permitiu identificar o uso de unidades fraseológicas no falar dos guajajáras. Dessa forma, constatamos que há a ocorrência de fraseologias em língua portuguesa proferidas em variadas interações sociocomunicativas pelos índios guajajáras da aldeia Cachoeira, Barra do Corda (MA). Assim, os objetivos propostos em nossa pesquisa foram alcançados.

Este trabalho encontra-se organizado estruturalmente em 4 capítulos. No capítulo 1 apresentamos a fundamentação teórica. No capítulo 2, realizamos explanação a respeito do contato dos índios com os falantes do português como primeira língua. No capítulo 3, apresentamos a metodologia adotada. Por fim, no capítulo 4, apresentamos os resultados. Descreveremos a seguir cada capítulo, resumidamente.

No capítulo 1, *Lexicologia e Fraseologia*, realizamos uma revisão dos principais estudos linguísticos relacionados, de alguma forma, com os estudos fraseológicos. Discutimos, dessa forma, os fundamentos que utilizamos como apoio teórico para a realização da nossa pesquisa. Realizamos, primeiramente, uma explanação sobre os estudos em lexicologia, em especial, na área da Fraseologia, pontuando, assim, os aspectos fundamentais que englobam essa área – o objeto de estudo da Fraseologia, a lexicalização, o neologismo fraseológico, as diferentes abordagens fraseológicas, a Fraseologia no universo do português em contato, entre outras abordagens.

No capítulo 2, *O contato dos índios com os falantes do português*, contextualizamos os índios da família tupi, mais detalhadamente os índios guajajáras. Nesse capítulo tratamos, portanto, do processo de colonização dos índios guajajára; do deslocamento desses índios em

diferentes terras indígenas; das características socioculturais da vida dos guajajáras; das principais influências que os guajajáras receberam (e recebem) em razão do contato com a língua portuguesa.

No Capítulo 3, *Metodologia*, apresentamos os passos metodológicos que seguimos para alcançar os resultados da pesquisa e explicamos como procedemos em cada etapa da realização das atividades. Dessa forma, nesse capítulo, descrevemos: a seleção do local da pesquisa; a preparação dos instrumentos de pesquisa e a realização da pesquisa de campo; a seleção dos 10 informantes; o processo de constituição do *corpus* da pesquisa; como ocorreu a coleta da fala, em língua portuguesa, dos índios guajajáras e descrevemos a forma como procedemos para a apresentação dos resultados que alcançamos com a pesquisa.

No capítulo 4, *Resultados*, apresentamos os resultados que alcançamos na pesquisa, descrevemos, com mais destaque, as unidades fraseológicas identificadas no falar dos índios guajajáras e o levantamento que realizamos sobre a presença de algumas dessas fraseologias em dicionários de fraseologias e obras sobre falares regionais.

Além dos quatro capítulos, desenvolvemos ainda um tópico com as considerações finais referentes à pesquisa e apresentamos, em seguida, as referências do material bibliográfico de que fizemos uso na realização de toda a pesquisa e elaboração do trabalho. Também ao término do texto disponibilizamos, em apêndice, o modelo de duas fichas de que fizemos uso para anotações mais específicas a respeito do local de pesquisa (ficha 1 - ficha da localidade) e sobre os informantes (ficha 2 - ficha individual dos informantes).

1 LEXICOLOGIA E FRASEOLOGIA

Este capítulo está organizado em 6 seções. Na seção 1.1 *O estudo do léxico*, discutimos a realização dos estudos na perspectiva do léxico, suas principais abordagens. Na seção 1.2 *As unidades fraseológicas*, discorremos sobre os conceitos principais sobre os estudos fraseológicos, desde a abordagem da Fraseologia como uma disciplina até a apresentação mais detalhada de seu objeto de estudo, as construções complexas. Na seção 1.3 *A lexicalização e a influência dos culturemas no surgimento das fraseologias*, apresentamos o processo de lexicalização, relacionando-o com a neologia no âmbito fraseológico e, abordamos, também, a importância dos culturemas para os estudos fraseológicos. Na seção 1.4 *Unidades fraseológicas versus Expressões cristalizadas*, discorremos sobre a distinção das fraseologias de modo geral em relação às fraseologias que apresentam um estágio mais sólido quanto ao uso e consolidação interna, ou seja, quando já são consideradas cristalizadas. Na seção 1.5 *Abordagem ampla e estrita de unidades fraseológicas*, descrevemos as formas como os estudos fraseológicos vêm concebendo a fraseologia: por um lado, com uma abordagem estrita e, por outro, com uma visão ampla. Apresentamos, ainda nessa seção, a classificação da abordagem ampla, proposta por Corpas Pastor (1996), na qual o nosso trabalho se ancora.

1.1 O estudo do léxico

A Lexicologia é uma das vertentes de estudo da linguística que pertence, ao lado de áreas como a Lexicografia, a Terminologia e a Terminografia, ao campo das ciências do léxico. Cada uma dessas áreas desenvolve estudos específicos. A Lexicologia ocupa-se do estudo científico do léxico.

O léxico pode ser definido como o conjunto de todas as palavras que existem numa língua, bem como todas as que potencialmente podem vir a existir. Biderman (2001) afirma que “O léxico é um sistema aberto e em expansão. Incessantemente, novas criações são incorporadas ao léxico. Só existe uma possibilidade para um sistema lexical se cristalizar: a morte da língua”. (p. 203). De acordo com Vilela (1979), o léxico, encarado como competência lexical:

representa um sistema de possibilidades, no locutor/ouvinte ideal, que abrange as palavras reais (dado o caráter aberto do léxico torna-se muito difícil um envolvimento

exaustivo das palavras reais) pautadas pela norma (documentadas) e ainda as palavras possíveis (com base nas regras de formação). (p.10).

Ao tratarmos das palavras, podemos encontrar algumas que se apresentam como unidades lexicais simples, por apresentar construções estruturais constituídas por uma única palavra³ (ou *lexia*) e outras como unidades lexicais complexas, por apresentarem construções estruturais constituídas por duas ou mais palavras (mais de uma *lexia*). O que há em comum, em ambos os casos, é a ideia de unidade. Nesse cenário, abordamos uma subárea da lexicologia que se preocupa especificamente com essas unidades lexicais complexas, ou seja, que são constituídas por mais de uma palavra. Estamos, nesse sentido, falando da área da Fraseologia.

1.2 Língua e sociedade

Um tema polêmico, que proporciona uma discussão longe de ser encerrada, diz respeito ao conceito de língua e sua adequação às diferentes formas de comunicação.

Embora reconhecendo a importância das abordagens linguísticas iniciais do formalismo, neste trabalho estamos adotando uma postura funcional da língua, segundo a qual acreditamos ser necessário trabalhar língua e sociedade como sendo inter-relacionadas.

Nesse sentido, não podemos pensar na realização de um trabalho linguístico sem considerar os seus falantes e a relação que têm com a sociedade em que estão integrados. Alkmim (2012), por exemplo, diz que

Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano. A história da humanidade é a história de seres organizados em sociedades e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua. Efetivamente, a relação entre linguagem e sociedade não é posta em dúvida por ninguém, e não deveria estar ausente, portanto, das reflexões sobre o fenômeno linguístico (p. 23).

O conceito de língua que utilizamos neste trabalho está ancorado nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística e de pesquisadores que seguem essa vertente social

³ Biderman (1993) realiza uma discussão pertinente sobre o conceito de palavra, vocábulo, *lexema*, *lexia*. A própria autora alega que é difícil estabelecer, precisamente, os limites e diferenças de cada uma dessas denominações. Embora reconheçamos a natureza diversificada de cada um desses termos e, também, não desconsideremos a dificuldade que há em definir e diferenciar os limites do que seria uma *lexia*, *lexema*, vocábulo e palavra, em nosso trabalho usaremos palavra e *lexia*, sem distinção.

da língua. Assim, seguindo esse pensamento, compartilhamos do conceito de que a língua é a fala da comunidade linguística, entendida como “um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos.” (ALKMIM, 2012, p. 33). Afirmamos que a comunidade “Se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras.” (ALKMIM, 2012, p. 33)

Sobre a Sociolinguística, entendemos, com efeito, que “é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais.” (MOLLICA, 2012, p. 9).

Reiteramos, portanto, que língua e sociedade estão necessariamente inter-relacionadas, como afirma Monteiro (2000):

língua e sociedade são duas realidades que se inter-relacionam de tal modo, que é impossível conceber-se a existência de uma sem a outra. Com efeito, a finalidade básica de uma língua é a de servir como meio de comunicação e, por isso mesmo, ela costuma ser interpretada como produto e expressão da cultura de que faz parte (p. 13).

1.3 As unidades fraseológicas

A Fraseologia⁴ é uma disciplina concebida como uma subárea da linguística. A Fraseologia apresenta interesse pelas construções linguísticas complexas: organização semântico-estrutural de itens lexicais constituídos de duas ou mais lexias simples. Enfatizamos que a Fraseologia “é uma disciplina linguística que tem por objeto de estudo o conjunto daquelas unidades léxicas formadas por mais de dois vocábulos com separação gráfica”. (CASTILLO CARBALLO (1997-1998) *apud* MONTORO DEL ARCO, 2006, p. 80).

Dessa forma, destacamos que as construções linguísticas que estruturalmente são constituídas por duas ou mais palavras, mas que têm valor de uma única palavra, são comumente chamadas de fraseologias⁵, objeto de estudo da Fraseologia. A esse respeito, Biderman (2005) afirma que “as unidades fraseológicas são sequências de pelo menos duas

⁴ Quando utilizarmos o termo Fraseologia grafado em maiúscula, estamos no referindo à disciplina que estuda todas as ocorrências de lexias complexas.

⁵ Em nosso trabalho utilizaremos as denominações fraseologia, unidade fraseológica, expressão complexa e unidade lexical complexa indistintamente.

palavras separadas por brancos, hífens ou apóstrofes: mercado negro, caixa eletrônico, caixa preta, bomba relógio, decreto-lei, mina d'água". (p. 750).

Não há uma terminologia única para se referir aos itens lexicais complexos, que podem ser chamados de *fraseologias*, *unidades complexas*, *lexias complexas*, *unidades fraseológicas*, entre outras denominações. Essas lexias complexas, segundo Camacho e Riva (2010), são mais utilizadas no cotidiano, em ambientes espontâneos. Os referidos autores afirmam que, “embora as línguas disponham de meios para expressar objetivamente os acontecimentos, os sentimentos, as ideias etc., há a vontade do falante de comunicar experiências de maneira mais expressiva, por meio de combinatórias inusitadas”. (p. 195). Essas combinatórias são, portanto, as unidades fraseológicas, objeto de estudo da Fraseologia.

Para se referir às fraseologias, Saussure (1995, p. 143-144) utiliza a denominação *agrupamentos* e pontua que esse tipo de organização estrutural se refere a: “sintagmas compostos por mais de uma unidade consecutiva que estabeleçam um encadeamento de caráter linear e poderiam corresponder a palavras, a grupos de palavras [...]”. Podemos afirmar, também, que as unidades fraseológicas contemplam “um conjunto variado e complexo de unidades linguísticas as quais mantêm estreitas relações com os fatos socioculturais e históricos da comunidade linguística e sociocultural em que elas circulam” (RAMOS, 2012, p. 115).

Podemos encontrar diferentes tipos de fraseologias: Expressão Idiomática, Frases Feitas, Locuções, Provérbios, Ditos Populares. No entanto, os critérios e limites para se definir as diferenças e características específicas de cada uma dessas construções complexas ainda se configuram como um grande desafio para os pesquisadores da área.

Para exemplificar o conceito do que seriam as fraseologias e de sua relação com fatores socioculturais, apresentamos a expressão *assim meu boi não dança*⁶ (essa unidade fraseológica equivale à expressão *desse jeito não vai dar certo, não funciona*). Essa fraseologia relaciona-se metaforicamente a um festejo maranhense, *o auto do bumba-meu-boi*. Fica explícita, dessa forma, a necessidade de se conhecer quais aspectos culturais estão imbricados na constituição dessa expressão complexa. Podemos afirmar que, muitas vezes, analisar uma fraseologia, considerando apenas os itens lexicais isolados que a compõem, pode não revelar o verdadeiro sentido e valor representativo dessa lexia complexa, além de levar a uma interpretação errônea de uma unidade lexical.

Embora a Fraseologia seja uma área que ainda é pouco explorada, conforme o levantamento realizado por Ortiz Álvarez (2000), fica evidente que há tempos já se faz menção

⁶ Ramos (2012, p. 119).

ao que se conhece hoje como unidades fraseológicas, embora com denominações diversas. *No quadro 1*, podemos visualizar um panorama das denominações usadas para se referir às fraseologias.

Quadro 1 - Denominações das fraseologias.

AUTOR	DENOMINAÇÃO
SAUSSURE	Unidades fraseológicas/ agrupamentos (<i>locutions toutes faites</i>)
BALLY	Unidades fraseológicas/ locuções fraseológicas (<i>unités phraséologiques</i> ; séries fraseológicas e unidades fraseológicas)
POTTIER	Unidades fraseológicas/ lexias (simples, compostas, complexas, textuais)
CASARES	Unidades fraseológicas/ locuções (significantes e conectivas)
FIALA	Unidades fraseológicas/ paradigmas definidos pelo tipo de contexto
ZULUAGA	Unidades fraseológicas/ frase fixa
VINOGRADOV	Unidades fraseológicas/ fraseologismo (aderência fraseológica, combinação fraseológica)
AMOSOVA	Unidades fraseológicas/ fraseologismo (unidades de contexto invariável)
SHANSKI	Unidades fraseológicas/ fraseologismo (aderência fraseológica, combinação fraseológica, expressões fraseológicas)
CARNEADO	Unidades fraseológicas/ fraseologismo
TRISTÁ	Unidades fraseológicas/ fraseologismo
LYONS	Unidades fraseológicas/ ready-made utterances
JAKOBSON	Unidades fraseológicas/ stereotyped utterances
CHERDANTSEVA	Unidades fraseológicas/fraseologismo (uninuclear e multinuclear)
MEL'CHUK	Unidades fraseológicas/frasema

Fonte: Álvarez (2000).

Com base no Quadro 1, mesmo percebendo a variação terminológica para se referir à

fraseologia, fica claro que as referências a fraseologias foram e continuam sendo preocupação de muitos pesquisadores. Isso deve-se ao fato de que o uso linguístico de estruturas complexas é uma realidade para os falantes em suas diversas situações de comunicação. Riva (2012) afirma em seu texto que o ser humano demonstra predileção pelo uso de grupos de palavras e não pelo uso de lexias simples.

Biderman (2001) afirma que em razão da forte influência dos meios de comunicação em massa e do uso mais representativo da internet, o uso de expressões complexas tornou-se recorrente e a tendência é que cresça ainda mais. Nesse sentido, podemos dizer que o uso de expressões complexas se apresenta como sendo fortemente produtivo nas línguas, de modo geral.

1.4 A lexicalização e a influência dos culturemas no surgimento das fraseologias

Para a constituição de fraseologias há processos de organização interna sobre os quais é relevante realizar uma descrição mais detalhada, como o processo de lexicalização e a contribuição desse processo para a neologia fraseológica.

1.4.1 Culturemas

Antes de trabalharmos com a lexicalização, é necessário apresentarmos algumas noções acerca de culturemas, visto que é um conceito que está diretamente relacionado aos fatores que influenciam a ocorrência da lexicalização.

A sociedade é constituída de pessoas que realizam constante troca de informações, interações sociocomunicativas e compartilhamento de diferentes experiências. É comum um indivíduo, ao chegar a um ambiente novo, seja um país ou até uma outra localidade de seu mesmo país, dificilmente encontrar nesse novo ambiente os mesmos traços culturais de sua cultura. Isso ocorre porque há traços típicos de um local que são compartilhados e vividos exclusivamente por seus habitantes locais. São essas características que propiciam o surgimento do que chamamos de *culturemas*. Os culturemas são, portanto, os conhecimentos de valores extralinguísticos (socioculturais) compartilhados entre os falantes de uma mesma comunidade linguística. (RIVA, 2012).

Os culturemas geralmente são conhecimentos que são repassados e mantidos por longo tempo na mesma cultura. Podem ser valores repassados de pais para filhos, dos mais antigos para as crianças, adolescentes, jovens. Para esclarecer melhor, utilizamos o conceito de culturema apresentado por Luque Nadal (2011, p. 95):

Qualquer elemento simbólico específico de uma cultura, simples ou complexo que corresponda a um objeto, ideia, atividade ou outra atividade que seja suficientemente conhecido entre os membros de uma sociedade, que tenha valor simbólico e sirva de guia, referência ou modelo de interpretação ou ação para os membros dessa sociedade. Todo esse conhecimento pode ser utilizado como meio comunicativo e expressão na interação comunicativa entre os membros dessa cultura⁷. (tradução nossa).

1.4.2 A lexicalização

A lexicalização é um processo comum que ocorre com os elementos que constituem uma unidade lexical complexa. De acordo com Nascimento (2013), o processo de lexicalização está diretamente ligado às “sequências de palavras com comportamentos unitários ou tendencialmente unitários, isto é, semelhantes aos de uma palavra única, resultantes de conexões formais e semânticas que se foram estabelecendo entre os seus elementos e que o uso consagrou.” (p. 215).

Esses itens lexicais que se agrupam, apresentando características de uma única palavra, são denominados por Nascimento (2013) de unidades multilexicais⁸. A lexicalização constitui, portanto, o *processo* relacionado à formação de unidades fraseológicas.

Algumas características estão diretamente relacionadas ao processo de formação das unidades fraseológicas: podemos ter expressões que apresentam forte coesão das palavras entre si (forte grau de fixação de uso); por outro lado, há também expressões que denotam fraco grau de coesão. Nestes exemplos⁹ apresentamos casos de unidades fraseológicas com alto grau de coesão - *esticar o pernil* - e menor grau de coesão - *absolutamente indispensável*. Assim, o processo de lexicalização é o que, na verdade, "cria unidades multilexicais cuja estrutura

⁷ cualquier elemento simbólico específico cultural, simple o complejo, que corresponda a un objeto, idea, actividad o hecho, que sea suficientemente conocido entre los miembros de una sociedad, que tenga valor simbólico y sirva de guía, referencia, o modelo de interpretación o acción para los miembros de dicha sociedad. Todo esto conlleva que pueda utilizarse como medio comunicativo y expresivo en la interacción comunicativa de los miembros de esa cultura.

⁸ Embora a terminologia adotada por Nascimento (2013) seja unidades multilexicais, em nosso texto continuaremos fazendo uso das denominações que adotamos para nos referir ao objeto de estudo da Fraseologia.

⁹ Exemplos extraídos do trabalho de Nascimento (2013).

apresenta um maior ou menor grau de coesão interna". Quando há um grande grau de coesão interna, fala-se em lexicalização forte e quando o grau de coesão é baixo, chama-se lexicalização fraca.

Ressaltamos que, dependendo da motivação linguística ou não linguística para a constituição do significado de uma expressão complexa, podemos falar em *significado composicional* ou *significado não composicional*: o primeiro ocorre quando o significado de uma expressão pode ser depreendido a partir do significado dos itens lexicais pertencentes à Unidade Fraseológica, ou seja, há uma motivação linguística; o segundo, por sua vez, ocorre quando não há como depreender o significado de uma expressão tomando como base o significado dos itens lexicais que a compõem, neste caso, não há motivação intrinsecamente linguística (ou há um fraco grau de motivação). Podemos dizer, assim, que quando uma fraseologia alcança esse estágio, ela apresenta um alto grau de cristalização. (NASCIMENTO, 2013).

Pautando-se no processo de lexicalização, a fixação de uma unidade fraseológica está associada a processos de fixação lexical *formal*, *semântico* e *pragmático* (NASCIMENTO, 2013). Dessa forma, a autora afirma que, dependendo do grau de fixação de uma unidade fraseológica, podemos falar em otimização (quando as expressões lexicalizadas que decorrem desse processo se tornam rotineiras) e em institucionalização (quando, em razão do uso significativo pela comunidade linguística, passa, assim, a fazer parte do inventário lexical da língua, recebendo registro em dicionários).

Nascimento (2013) afirma que a consolidação de uma unidade lexical ocorre de três formas: **i)** com a *consolidação formal* – quando a estrutura lexical tende a se revelar bastante cristalizada, ou seja, há pouca ou quase nenhuma liberdade de escolha de palavras (ex: *cara de pau*¹⁰); **ii)** com a *consolidação semântica* – quando o significado composicional não é determinante para a determinação do significado global de uma fraseologia, ou seja, há uma perda do significado denotativo dos itens lexicais, revelando uma expressão opaca (ex: *estar com a pulga atrás da orelha*¹¹); **iii)** com a *consolidação pragmática* – as fraseologias proferidas cotidianamente por uma comunidade, relacionadas ao hábito, à rotina ou em usos específicos (ex: *consciência tranquila; bom dia!; Como está?*¹²).

Nascimento (2013) enfatiza que há fraseologias que podem apresentar todas as características quanto à consolidação formal, semântica e pragmática, como, por exemplo, a

¹⁰ Exemplo extraído do trabalho de Nascimento (2013).

¹¹ Exemplo extraído do trabalho de Nascimento (2013).

¹² Exemplos extraídos do trabalho de Nascimento (2013).

expressão *pau mandado*. A autora apresenta, também, a existência de fraseologias que podem ter consolidação apenas pelo viés pragmático e não semântico e/ou formal, por exemplo, fontes *fidedignas*. Nesse sentido, as propriedades de consolidação formal, semântica e pragmática de uma expressão podem ser consideradas independentes.

As fraseologias podem se apresentar distribuídas em várias áreas: **a)** expressões que designam realidades extralinguísticas do cotidiano (ex: *pão com manteiga; café com leite*¹³); **b)** expressões que surgem devido à necessidade de facilitar a comunicação em áreas especializadas (ex: *órgão consultivo; sequenciação do genoma humano*¹⁴); **c)** expressões com uma função exclusivamente pragmática, relacionadas a saudações e fórmulas de cortesia, formas de início ou fecho de discurso bem como às máximas (ex: *bom dia!; era uma vez; não deixes para amanhã o que podes fazer hoje*¹⁵, respectivamente); **d)** provérbios (ex: *grão a grão enche a galinha o papo*¹⁶); **e)** siglas (ex: *SBT – Sistema Brasileiro de Televisão*), entre outros.

1.4.2.1 A lexicalização como neologismo fraseológico

Quando se fala em neologismo, é quase unânime voltarmos o olhar para o processo de formação de novos itens lexicais simples. No entanto, na Fraseologia também ocorre o fenômeno de neologismo.

Riva (2012) afirma que o fenômeno da neologia, no nível das lexias complexas, ocorre de modo diferente do que se percebe na formação das lexias simples.

O norteamento para o surgimento de neologismos fraseológicos encontra-se sob o prisma da inter-relação do nível sintagmático com os culturemas partilhados por falantes que se encontram socioculturalmente inseridos num mesmo contexto discursivo. Assim, o que direciona o surgimento de novas fraseologias “é o processo de lexicalização, de várias lexias simples que já existem em nosso léxico, ao redor de um culturema, gerando novas combinações de palavras” (RIVA, 2012, p. 316).

Para a formação de novas unidades lexicais enquanto lexias simples, o olhar é direcionado sobretudo para os níveis fonológicos, morfológicos, e para os estrangeirismos. A neologia fraseológica, por outro lado, ocorre com base na organização sintagmática de lexias simples que passam por um processo de lexicalização.

¹³ Exemplos extraídos do trabalho de Nascimento (2013).

¹⁴ Exemplos extraídos do trabalho de Nascimento (2013).

¹⁵ Exemplos extraídos do trabalho de Nascimento (2013).

¹⁶ Exemplo extraído do trabalho de Nascimento (2013).

1.4.3 A influência dos culturemas para o surgimento das fraseologias

Riva (2012) apresenta a grande influência dos culturemas para o surgimento das unidades fraseológicas. Dessa forma, considerando os aspectos socioculturais comuns entre os falantes, tais conhecimentos podem ser refletidos no valor semântico dos itens lexicais complexos. As unidades fraseológicas, portanto, tendem a revelar significados com fortes motivações de ordem cultural – em outras palavras, por influência dos culturemas. Nesse sentido, com base no valor cultural imbricado nos culturemas, podem surgir várias fraseologias que, sem esse conhecimento do mundo social, podem ter a depreensão comprometida. Temos, por exemplo, a fraseologia *empinar a curica*¹⁷, que faz referência a um dos brinquedos prediletos das crianças maranhenses. Para se compreender essa fraseologia, torna-se indispensável o conhecimento do valor semântico da lexia *curica*, que diz respeito a um “pequeno papagaio de papel construído com talas de pindova ou de buriti que se empina no vento por meio de uma linha” (RAMOS, 2012, p. 118). No âmbito da fraseologia, *empinar a curica* significa *melhorar de situação* e a relação com a brincadeira está no fato de que, empinando a curica-brinquedo, também melhora a situação do brincante no jogo, já que fazer subir, empinar, é o objetivo da brincadeira. Sem o conhecimento dessa brincadeira das crianças maranhenses, o entendimento do aspecto cultural da lexia complexa, apresentada no exemplo anterior, poderia ser comprometido. Nesse sentido, Luque Nadal (2011) afirma que:

Toda cultura está baseada em conhecimentos clássicos, literários, populares, religiosos etc. Em cada país existem culturemas próprios e culturemas compartilhados e existe uma série de culturemas que ultrapassam fronteiras e se encontram em muitas línguas” (p. 328).

Percebemos, dessa forma, a importância dos culturemas no surgimento de fraseologias e a inter-relação da cultura de uma comunidade linguística com seu idioma, visto que os culturemas “são criações de fora do idioma e que induzem ao surgimento de simbolismos dentro da língua” (RIVA, 2012, p. 314).

1.5 Unidades fraseológicas *versus* expressões cristalizadas

Por se tratar de conceitos relativamente similares, embora não iguais, a tendência é de encontrarmos em trabalhos fraseológicos o uso indistinto das denominações *unidades*

¹⁷ Ramos (2012, p. 118).

fraseológicas e expressões cristalizadas.

A denominação *unidade fraseológica* é utilizada “para designar todas as lexias complexas abarcadas pela Fraseologia” (RIVA, 2012, p. 319), já *expressão cristalizada* é utilizada comumente para se referir a lexias complexas que apresentam um alto grau de cristalização (fixação). Nesse sentido, afirmamos que todas as expressões cristalizadas são necessariamente unidades fraseológicas, mas o inverso pode nem sempre ser verdadeiro.

A expressão cristalizada é, portanto, um fenômeno de fixação da fraseologia. Ou seja, uma unidade fraseológica pode se revelar tão produtiva numa comunidade linguística que tal lexia complexa chega a apresentar um valor, tanto semântico quanto estrutural, engessado, fixado nas práticas linguísticas corriqueiras dos falantes.

Xatara (1998), no seu artigo intitulado “Tipologia das expressões cristalizadas” afirma que, para uma fraseologia ser considerada cristalizada, deverão ser utilizados critérios que dizem respeito a aspectos “morfofossintáticos e semânticos”. Ou seja, existem dois elementos que são decisivos, um de natureza estrutural (morfofossintática) e outro de valor conotativo (muito ou pouco conotativo). Com efeito, como expressões cristalizadas consideramos

aquelas que são reconhecidas pelos falantes de uma comunidade linguística e que admitem alterações de modo restrito. São frequentemente buscadas pelos falantes por motivos diversos: ter um discurso de autoridade, empregar um falar jocoso ou pitoresco, lançar mão de um jogo de palavras, tudo enfim que denote que uma escolha dará cor e peculiaridade às suas construções, sempre que sentir que as construções lexicais comuns não lhe bastam para ter um discurso que interpele ou chame a atenção do outro de modo eficaz. (p.48)

A organização interna dos itens lexicais que constituem uma expressão cristalizada é bastante heterogênea e difere de língua para língua. Nessa heterogeneidade, perpassam conhecimentos variados. Biderman (2005) enfatiza que “as fronteiras de demarcação do que já está estocado no tesouro lexical da língua e o que é combinatória são fluidas.” (p. 1).

1.6 Abordagens ampla e estrita de unidades fraseológicas

Percebemos que, apesar da existência de numerosos estudos na área da Fraseologia, esse ramo específico da linguística ainda não é um dos mais produtivos e apresenta muitas dificuldades, visto que

não há limite definido entre o fato da língua, marca do uso coletivo, e o fato da fala, que depende da liberdade individual. [...] é difícil classificar uma combinação como unidade, porque diversos fatores concorreram para produzi-las e em proporções difíceis de determinar. (BALLY (1995) *apud* MONTEIRO-PLANTIN, 2014, p. 65).

A dificuldade apresentada por Bally (1995 *apud* MONTEIRO-PLANTIN, 2014), preocupação que outros pesquisadores da área da Fraseologia compartilham, gera muitas dúvidas e questionamentos: quais critérios devem ser considerados para definir o que seria uma fraseologia (Semânticos? Estruturais? Semântico-estruturais? Extralinguísticos)? Qual ou quais os limites desses critérios? Toda expressão composta é uma fraseologia? Ainda estamos longe de obtermos respostas satisfatórias para essas indagações.

São inúmeras as propostas para tentar definir critérios de classificação para considerar as lexias complexas como pertencentes ao campo das unidades fraseológicas. Podemos falar de autores que adotam uma postura extremamente categórica, como de pesquisadores que assumem uma postura menos restrita. Montoro del Arco (2006) aponta que, nos estudos fraseológicos, os pesquisadores, ao tratarem de unidades fraseológicas, podem assumir uma postura baseando-se em duas concepções, uma ampla e uma estrita. A visão ampla

inclui todas aquelas formações que são reproduzidas de um modo mais ou menos invariável, independentemente de sua estrutura formal: desse ponto de vista, contemplam-se não apenas sintagmas fixos equivalentes em seu funcionamento a algumas das categorias verbais ou classes de palavras, mas também estruturas do tipo oracional, enunciados autônomos, combinações entre lexemas que revelam um grau não muito elevado de fixação, (e com nula idiomaticidade) etc.¹⁸ (RUIZ GURILO, 1997a *apud* MONTORO DEL ARCO, 2006, p. 74).

Na visão estrita, por sua vez, a classificação para definir as unidades fraseológicas é mais categórica e de certa forma “reduz seu objeto de estudo a apenas aquelas formações que funcionam dentro do âmbito oracional: ao coincidir mais ou menos com as funções que desempenham as Unidades Lexicais¹⁹[...]”. (RUIZ GURILO, 1997^a, *apud* MONTORO DEL ARCO, 2006, p. 74). Nascimento (2013) aponta que, nessa perspectiva mais restrita, a fraseologia é concebida como “uma sequência de palavras totalmente coesa e indissolúvel, sem possibilidade de variação das formas que a constituem”.

¹⁸ Incluye todos aquellas formaciones que son reproducidas de un modo más o menos invariable, independientemente de su estructura formal: desde este punto de vista, se contemplan no sólo sintagmas fijos equivalentes en su funcionamiento a alguna de las categorías verbales ou clases de palabras, sino también estructuras de tipo oracional, enunciados autónomos, combinaciones entre lexemas que revisten un grado no muy alto de fijación, (e incluso nula idiomaticidade), etc. (*Tradução nossa*).

¹⁹ Reduce su objeto de estudio a sólo aquellas formaciones que funcionan dentro del ámbito oracional: ao coincidir más o menos com las funciones que desempeñan las ULs. (*Tradução nossa*).

Como o nosso trabalho é referente às unidades fraseológicas faladas em português como segunda língua, para chegarmos ao nosso objeto de estudo, as fraseologias, tivemos que realizar todo o percurso que demandou, primeiramente, a realização de pesquisa de campo, a coleta de narrativas orais (e todos os demais procedimentos que apresentaremos no capítulo metodológico deste texto), para depois constituirmos o *corpus*. Não procedemos à classificação das expressões levantadas em algum tipo específico de fraseologia (expressões idiomáticas, ditos populares, frases feitas, entre outras), nem à análise do nível de cristalização, altamente opacas ou transparentes.

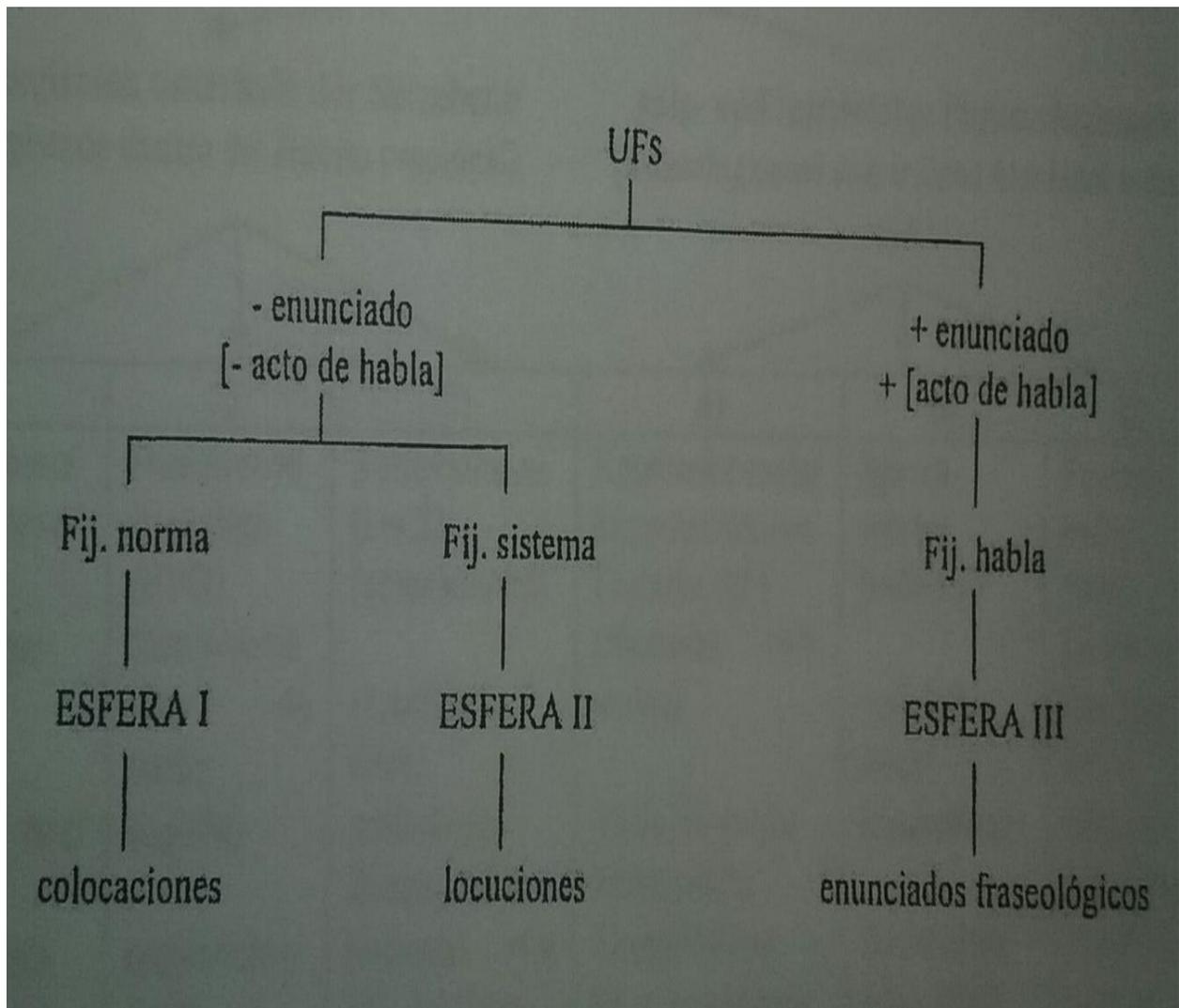
Dessa forma, considerando o que propusemos como objetivos desta pesquisa, adotamos uma visão ampla dos estudos fraseológicos. Pautamo-nos, em especial, nos trabalhos de Montoro del Arco (2006), Corpas Pastor (1996) e Salah Mejri (2012).

1.6.1 Classificação de unidades fraseológicas numa visão ampla

Ao tratarmos de uma perspectiva ampla de classificação das unidades fraseológicas, consideramos que não há uma única proposta de classificação para essa visão. Montoro del Arco (2006) realiza a apresentação de propostas de classificação de diferentes autores. A proposta de classificação de Corpas Pastor (1996 *apud* MONTORO DEL ARCO 2006), realiza a divisão da fraseologia do espanhol em três esferas, que se apresentam, até certo ponto, diferenciadas: *as colocações* (como esfera I), *as locuções* (como esfera II) e os *enunciados fraseológicos* (como esfera III)²⁰, conforme apresentadas na imagem 1.

²⁰ Tradução nossa.

Imagem 1 – Proposta de Corpas Pastor de classificação das unidades fraseológicas (1996).



Fonte: Montoro del Arco (2006).

Assim, de acordo com essa classificação de Corpas Pastor, Montoro del Arco (2006) explica que, na esfera I, *as colocaciones* seriam as combinações restringidas que se caracterizam por ter o significado composicional (não apresentam, portanto, idiomaticidade), mas estão fixadas na norma. Na esfera II, *as locuciones* são as expressões caracterizadas por seu funcionamento dentro do âmbito da oração e por seu maior grau de fixação em relação às colocações. Na esfera III, *os enunciados fraseológicos* agrupam as parêmiás e as fórmulas rotineiras.

A classificação das unidades fraseológicas proposta por Corpas Pastor foi relevante para o tratamento de nossos dados, pois, de acordo com que é proposto nessa classificação, é possível considerar as expressões constituídas com estruturas semanticamente transparentes, enquadrando-se na esfera III da classificação, *enunciados fraseológicos*, bem como enunciados

opacos, com uma consolidação interna sólida, enquadrados na esfera II, como é o caso das *locuções*. Com essa perspectiva de estudos fraseológicos, acreditamos ter conseguido um coerente diálogo com o *corpus* de nossa pesquisa, visto que, em nosso trabalho, consideramos todas as combinações de palavras levantadas, apresentando ou não consolidação sintaticamente sólida.

2 O PORTUGUÊS EM CONTATO E AS LÍNGUAS INDÍGENAS

Este capítulo está organizado em 4 seções. Na seção 2.1, *O português em contato*, apresentamos a língua portuguesa em relação de contato. Na seção 2.2, *As línguas indígenas*, apresentamos as línguas indígenas no Brasil. Na seção 2.3, *A família Tupí-Guaraní*, descrevemos quais as principais línguas que fazem parte da família Tupí-Guaraní. Na seção 2.4, *Os índios guajajáras*, apresentamos as características desse povo, mencionamos as principais terras habitadas por eles e sua língua, em contato com a língua portuguesa.

2.1 O português em contato

O contato linguístico diz respeito à interação entre duas ou mais línguas. Essa é uma realidade de que, em nosso país encontramos vários exemplos, pois a língua portuguesa falada no Brasil, desde a colonização, iniciada pelos portugueses, foi marcada pela convivência com outras línguas. Podemos dizer que o português brasileiro é resultado do contato de várias línguas que coexistiam (muitas ainda coexistem) no período colonial, a que se somaram todas as línguas de imigrantes de nações variadas que aqui se estabeleceram ao longo dos tempos, com maior ou menor expressão, seja pelo volume de indivíduos, seja pela extensão territorial que ocuparam. Assim, a língua portuguesa no Brasil é resultado de vários contatos linguísticos, seja de falantes do português como língua nativa, seja de falantes de outras línguas. Nesse sentido, concordamos que

O estudo da formação do português brasileiro vernáculo (PBV), levando-se em conta os cenários de contato de populações, enfoca sobretudo os diversificados insumos de línguas africanas, línguas indígenas [...] e o português lusitano, também em suas variedades aportadas no Brasil. (ALTENHOFEN, MELO, RASO, 2012, p.26).

O contato linguístico no Brasil, como afirmamos, é uma realidade significativa, cuja ocorrência teve início a partir do processo de colonização do Brasil, mas se estende até à atualidade. O Brasil, dessa forma, configura-se como um palco em que convivem diferentes línguas em contato, visto que

a história do Brasil após a chegada do homem branco é toda uma história de contatos linguísticos. Ao longo dos mais de cinco séculos depois do descobrimento, no território brasileiro conviveram, comunicaram e se misturaram populações

ameríndias, europeias, africanas e asiáticas. (ALTENHOFEN, MELO, RASO, 2012, p.13).

Quando falamos de contatos linguísticos, devemos considerar que há diversos fatores que podem propiciar essas relações e inter-relações entre as diferentes línguas. Assim, os contatos entre línguas “Podem derivar de uma posição territorial, tal o caso das localidades situadas em fronteiras de países vizinhos, ou de estreitas relações comerciais entre dois povos ou da dominação de uma sociedade sobre outra em consequência de invasões ou guerras de conquista” (MONTEIRO, 2010, p. 58-59)

Apesar do contato linguístico, em muitos casos, ser visto como algo negativo, há pesquisadores que defendem essa interação com línguas diferentes como sendo importantes, dizendo que “o contato linguístico, sendo uma constante na dinâmica das línguas, não deve ser temido e combatido, mas ao contrário deve ser visto como algo que propicia o enriquecimento das línguas minoritárias.” (MONTEIRO, 2010, p. 58).

No mundo atual – em que a comunicação e as inter-relações humanas estão cada vez mais intensas – não se deve acreditar que estudar as línguas isoladamente seja suficiente ou acreditar que as línguas podem voltar a ser faladas sem influência de quaisquer contatos com outra língua. Ao contrário, tudo leva a crer que, com o contato entre línguas sendo uma realidade cada vez mais forte e quase inevitável, podemos dizer que há um estreitamento linguístico, as línguas do mundo tendem, cada vez mais, a serem caracterizadas como línguas que participam de fortes relações de contatos com outras línguas. Essa é uma realidade que deve ser considerada e estudada com mais aprofundamento.

2.2 As línguas indígenas

De acordo com Rodrigues (1986), no Brasil existem cerca de 170 línguas indígenas. Esse estudioso das línguas indígenas acredita que, atualmente, as línguas indígenas estão reduzidas à metade das que existiam no período em que o processo de colonização se iniciou. A chegada dos portugueses provocou uma crescente redução dessas línguas. São várias as causas que ocasionaram essa realidade. Podemos afirmar que um dos principais fatores diz respeito ao

desaparecimento dos povos que as falavam, em consequência das campanhas de extermínio ou de caça a escravos [...], ou em virtude das epidemias de doenças contagiosas [...]; pela redução progressiva de seus territórios de coleta, caça e plantio e, portanto, de seus meios de subsistência, ou pela assimilação, forçada ou induzida, aos usos e costumes dos colonizadores.(RODRIGUES, 1986, p. 19).

Ainda assim, as línguas indígenas, considerando o contato direto que mantiveram e ainda mantêm com a língua portuguesa, não podem ser deixadas à margem dos estudos linguísticos, sobretudo, no que tange à realidade linguística brasileira. Nesse sentido, compartilhamos do pensamento de que “as línguas indígenas constituem (...) um dos pontos para os quais os linguistas brasileiros deverão voltar a sua atenção”. (RODRIGUES, 1986, p. 5).

Entre os primeiros indígenas que tiveram contato com os europeus, destacamos os índios falantes da língua tupinambá. O Tupinambá foi a língua que predominou nos primeiros contatos entre portugueses e brasileiros (RODRIGUES, 1986). Essa relação progressivamente se fortaleceu, visto que o contato foi se intensificando em razão de vários acontecimentos: os índios e os brancos começaram a conviver por mais tempo, compartilhando o mesmo espaço geográfico; a língua portuguesa passou a ser ferramenta importante para a realização da comunicação entre índios e brancos; o casamento de branco com índios e, conseqüentemente, o nascimento de muitas crianças mestiças incentivou o aprendizado e a troca entre as duas línguas.

Essa relação do Tupinambá com o português, em algumas situações, é responsável por ainda hoje verificarmos características, na língua portuguesa, de heranças da língua Tupinambá. É o que afirma Rodrigues

numa amostra de pouco mais de mil nomes brasileiros populares de aves, um terço, cerca de 350 nomes, são oriundos do Tupinambá. [...] Numa amostra de 550 nomes populares de peixes, quase a metade (225 ou 46%) veio da língua indígena. É notável a quantidade de lugares com nomes de origem Tupinambá [...] (1986, p. 21).

Essa relação dos índios com os brancos causou, também, conseqüências negativas. Os índios que tiveram os primeiros contatos com os brancos foram “as primeiras vítimas dos massacres, doenças e exploração que seriam infligidos, indiscriminadamente, pelos colonizadores, aos grupos indígenas das terras baixas sul-americanas.” (COUTO, 2003, p.5)

Os índios, mesmo aqueles que são falantes do português, possuem crenças e costumes diferentes, ou seja: “Cada qual tem usos e costumes próprios, com habilidades tecnológicas, atitudes peculiares, resultantes de experiências de vida acumuladas e desenvolvidas em milhares de anos. E distinguem-se também de nós e entre si por falarem diferentes línguas”. (RODRIGUES, 1986, p. 17).

Apesar das diferenças linguísticas, desde o início do processo de ocupação do Brasil, ainda colônia, “O homem europeu frequentemente tinha esposas indígenas e uma classe de mestiços foi produzida, fato que foi importante no processo de colonização” (MOORE, 2012,

p.217). Os índios começaram a ter contato com a língua portuguesa e, com a intensificação desse contato, o português passou a ser comum na comunicação indígena. Em razão disso, “As regiões do Brasil que foram ocupadas por mais tempo por portugueses têm o menor número de sociedades indígenas e menos línguas nativas, especialmente o Leste brasileiro, onde poucos grupos indígenas falam suas línguas” (MOORE, 2012, p.218)

As línguas indígenas no Brasil encontram-se espalhadas em quase todo o território. Essas línguas “acham-se hoje concentradas nas regiões amazônica e centro oeste, nos Estados do Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Acre, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Tocantins e, em menor proporção, em outros estados do Brasil. (SEK, LUCY, 1999, p. 259).

Línguas e grupos linguísticos, embora possuam características relativamente diferentes, apresentam traços comuns ou similares, que é possível analisar e identificar. Essas características, certamente, “permitem reconhecê-las mais ou menos facilmente como descendentes de uma só língua anterior” (RODRIGUES, 1986, p. 18).

Essas línguas, que têm características que indicam que pertencem a uma origem comum, são classificadas como famílias linguísticas. Família linguística “é um grupo de línguas para as quais se formula a hipótese de que têm uma origem comum, no sentido de que todas as línguas da família são manifestações diversas, alteradas no correr do tempo, de uma só língua anterior.” (RODRIGUES, 1986, p. 29).

Rodrigues (1986) afirma que há línguas que tiveram uma origem comum de um passado remoto, as quais podem ter alto ou baixo grau de parentesco sistemático entre si. Essas línguas, de acordo com esse autor, podem ser agrupadas e a esse agrupamento chamamos de tronco linguístico – agrupamento de famílias linguísticas que são oriundas de um passado comum. (RODRIGUES, 1986)

Além disso, é importante mencionarmos que há casos de línguas que não têm relação com outras línguas ou cujas relações não foram identificadas pelos linguistas, não sendo, portanto, possível associá-las a uma família ou tronco linguístico comum. Quando estamos diante desse cenário, Rodrigues (1986) afirma que falamos de línguas isoladas, pois são “línguas que não revelam parentesco genético com nenhuma outra língua” (RODRIGUES, 1986, p. 93). Nesse sentido, sobre essas línguas isoladas, podemos dizer tanto “que não pertencem a nenhuma outra família (ou tronco), quanto podemos dizer que constituem famílias de um só membro”. (RODRIGUES, 1986, p. 93).

As línguas indígenas do Brasil, considerando a relação de comparação, traços de características linguísticas similares e possível grau de parentesco, estão distribuídas em “cinco

grandes grupos - Tronco Tupi, Tronco Macro-Jê, Família Karib, Família Aruak, Família Pano; havendo ainda nove outras famílias menores e dez Isolados Linguísticos. “SEK, LUCY , 1999, p. 259).

2.3 A família Tupí-Guaraní

A família Tupí-Guaraní é uma das 10 famílias linguísticas que são oriundas do tronco Tupí. Segundo Rodrigues (1986), há no território brasileiro 21 línguas vivas da família Tupí-Guaraní. Dentre essas línguas, o Kaiwá e o Tenetehára são as mais populares no Brasil. Os dialetos da família Tupí-Guaraní, durante séculos, foram o alvo de maior interesse no que tange ao estudo e descrição de línguas indígenas. Assim, os “dialetos Tupí-Guaraní da costa, estudados por jesuítas, [que] forneceram muitos empréstimos para o português e alcançaram quase um status clássico no Brasil” (MOORE, 2012, p.225). Nesse sentido, essa família se destaca, entre outros motivos, pela grande abrangência de territórios em que se encontram as línguas indígenas que a constituem. No Brasil, a intensa presença de línguas do Tupí-Guaraní é significativa. Verificamos, por exemplo, falantes no Maranhão, no Pará, no Amapá, no Amazonas, em Mato Grosso, em Mato Grosso do Sul, em Goiás, em São Paulo, no Paraná, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro e no Espírito Santo. (RODRIGUES, 1986).

Podemos dizer, portanto, que “a família Tupí-Guaraní é um conjunto de línguas que se reconhece descenderem de uma língua anterior, neste caso, pré-colombiana e não documentada historicamente” (RODRIGUES, 1986, p. 18).

No quadro 2 apresentamos as línguas da família Tupí-Guaraní seguidas da referência do estado em que são faladas e a quantidade de falantes que ainda as usam.

Quadro 2 – Línguas da família Tupí-Guaraní no Brasil.

LÍNGUAS TUPÍ-GUARANÍ			
Línguas	Nº no mapa do Cimi	Estado	Falantes
Asurini do Tocantins (A. do Trocará. Akwáwa)	50a	PA	131
Surui do Tocantins (Mudjetire)	44	PA	101
Parakanã	51	PA	297

Amanayé	79	PA	?
Anambé (Turiwára?)	66	PA	61
Apiaká	64	MT	65
Araweté	49	PA	136
Assurini do Xingu (A. do Coatinema, Awaeté)	50b	PA	53
Avá (Canoeiro)	220	GO	101
Guajá	46	MA	240
Kaiwá (Kayová)	5	MS	7.000
Mbiá (Mouá, Moyá, Guaraní)	1	RS/SC/P R/SP RJ/ES	2.248
Nhandéva (Txiripá, Guaraní)	4	PR/SP/ MS	4.900
Kamayurá	208	MT	207
Kayabi	63	MT	620
Kokáma	123	AM	(411)?
Língua Geral Amazônica (Nhengatú, Tupí Moderno)	----	AM	3.000
Omágua (Kambéba)	126	AM	(240)?
Diahói	152	AM	13
Júma	154	AM	9
Parintintin (Kagwahív)	159	AM	118
Tenharin	161	AM	256
Tapirapé	217	MT	202
Tenetehára/Guajajára	36	MA	6.776
Tembé	48	MA/PA	410
Uruewauwáu	169	RO	215

Urubú (Urubú-Kaapór)	47	MA	494
Wayampí (Oyampí)	75	AP	291
Xetá	----	PR	5

Fonte: Rodrigues (1986, p. 39).

2.4 Os índios guajajáras

Os índios guajajáras são povos pertencentes à família linguística Tupí-Guaraní. Conforme verificamos no quadro 3, esses índios estão localizados no estado do Maranhão, um dos povos indígenas que possuem ainda hoje uma população numerosa. De acordo com informações da Fundação Nacional do Índio – FUNAI (2016), há uma população de aproximadamente 13.000 indivíduos.

Os guajajáras habitam mais de 10 Terras Indígenas na margem oriental da Amazônia, situadas no estado do Maranhão. Entre as localidades, temos: Arariboia, Bacurizinho, Cana-Brava, Caru, Governador, Krikatí, Lagoa Comprida, Morro Branco, Rio Pindaré, Rodeador e Urucu-juruá. A terra indígena habitada pelos índios da aldeia Cachoeira, onde está sendo realizada a pesquisa, é a Cana Brava. No quadro a seguir apresentamos os nomes das localidades e a extensão (ha) de cada território pertencente aos índios guajajáras.

Quadro 3 – As terras indígenas dos guajajáras.

Terras Indígenas	Municípios	Extensão (ha)
Araribóia	Amarante, Grajaú, Santa Luzia	413.288
Bacurizinho	Grajaú	82.432
Cana-Brava	Barra do Corda, Grajaú	137.329
Caru	Bom Jardim	172.667
Governador	Amarante	41.644
Krikatí	Amarante, Montes Altos, Sítio Novo	146.000

Lagoa Comprida	Barra do Corda	13.198
Morro Branco	Grajaú	49
Rio Pindaré	Bom Jardim, Monção	15.002
Rodeador	Barra do Corda	2.319
Urucu-Juruá	Grajaú	12.697

Fonte: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/tupinambá/print>> (acesso em agosto de 2016).

Em geral, os índios guajajáras se autodenominam Tenetehára (que significa gente, índio em geral) e têm como língua nativa o guajajára, que pertence à família linguística Tupí-Guaraní, do tronco tupi. Para Gomes (2012), por exemplo, essa autodenominação dos guajajáras diz respeito à própria característica cultural que os índios têm e buscam repassar para as demais pessoas:

A palavra “tenetehara”, usada como autodesignação do povo Tenetehara, é composta pelo verbo /tem/ (“ser”) mais o qualitativo /ete/ (“intenso”, “verdadeiro”) e o substantivizador /har(a)/ (“aquele, o”). Quer dizer, enfim, “o ser íntegro, gente verdadeira”. É um designativo forte que exprime orgulho e uma posição singular: a de ser o verdadeiro povo (GOMES, 2002, p. 47-48).

Os guajajáras são povos indígenas que tiveram e continuam tendo forte contato com os brancos. A relação direta e indireta que esses índios têm com outras pessoas ocorre de diversas formas: na realização de trabalho, na escola, nos centros urbanos, entre outros. Isso faz com que, muitas vezes, os índios se casem com brancos e tenham filhos mestiços.

Em razão do forte contato que os guajajáras têm com os brancos, muitas características dos não-índios aparecem fortemente incorporadas na convivência indígena: nas características culturais, na música, nas crenças e, sobretudo, na língua. Em razão disso, os guajajáras, assim como os índios de outras famílias, estão, progressivamente, deixando de falar a língua materna.

Na realidade dos guajajáras²¹ da localidade onde realizamos a pesquisa de campo para este trabalho, verificamos, por exemplo, que, com exceção de alguns índios bastante idosos, a maioria usa no dia-a-dia a língua portuguesa, principalmente os mais jovens. Essa realidade pode ratificar, nesse sentido, a constatação de que as línguas indígenas apresentam uma tendência progressiva de substituição pelo português. Isso ocorre, muitas vezes, por preconceito

²¹ Descrevemos esses guajajáras no capítulo 3, *Metodologia*, na seção 3.4.

e por mudanças de valores presentes no comportamento dos próprios índios, pois, em um dos momentos de coleta das narrativas, ao perguntarmos sobre como é a relação e a convivência da dupla ocorrência das línguas guajajara-português, um dos informantes relatou que os índios mais novos, em sua maioria, têm vergonha de falar a própria língua nativa:

As criancinha também vem aprendendu, muitas vezi, e se senti com vergonha pra falá pensam que tão falandu coisa errada, não falandu corretu, e as pessoa pódi até dizê, digamus assim, as criança pensam que muitas vêzi as pêssoa que é bem português, que são bem estudada, têm vergonha de falá e de errá muitas palavra. Muitas vêzi eu tenhu vergonha. Também meus parenti que sabi e fica vergonhadu com medu de falá as palavra que muitas veze não encaxa o vocabuláriu certu. Ficam envergonhadu, mas eles entendi. (INFORMANTE HK)

3 METODOLOGIA

Neste capítulo apresentamos a metodologia que seguimos para a realização do trabalho, descrevendo como procedemos para a execução das atividades da pesquisa.

Este capítulo é constituído por 9 seções, divididas em subseções. Na seção 3.1 apresentamos o tipo de pesquisa; Na seção 3.2 descrevemos o percurso realizado para a definição da localidade para a pesquisa. No tópico 3.3 apresentamos a vida dos índios da aldeia Cachoeira, qual a característica estrutural e sociocultural dessa localidade e como os índios estão organizados. Nos tópicos 3.4 e 3.5 explicitamos os critérios que adotamos para a seleção dos informantes e que ferramenta utilizamos para a coleta de dados. No tópico 3.6 discorreremos sobre como ocorreram as pesquisas de campo. No tópico 3.7 apresentamos a etapa de identificação de unidades fraseológicas, bem como o método que utilizamos para o levantamento, em dicionários e obras sobre o falar maranhense, do registro dessas expressões coletadas na fala dos guajajáras. No tópico 3.8 apresentamos os procedimentos adotados para a organização dos resultados da pesquisa.

3.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa é do tipo interpretativa, com caráter qualitativo, de acordo com o que apresenta Bortoni-Ricardo (2008), e de base etnográfica. Considerando que, para o nosso trabalho, a análise e os resultados provenientes da interpretação do *corpus* são prioridades, consideramos as contribuições dessa autora como referência para sustentar a definição de pesquisa qualitativa, visto que para Bortoni-Ricardo (2008, p. 34), “a pesquisa qualitativa procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto”.

A autora afirma que, em uma pesquisa qualitativa, deve-se realizar uma pesquisa piloto, o que facilita o planejamento e o desenvolvimento das posteriores etapas da pesquisa. Na pesquisa de campo, consideramos esse fator e realizamos um primeiro encontro na localidade definida para pesquisa (descrevemos como ocorreu essa etapa na subseção 3.6.1 *Primeiro momento da pesquisa de campo*).

3.2 A realização da pesquisa

Sabemos que, para a realização de trabalhos científicos que se utilizam de *corpus* constituído com realização de pesquisa de campo, é necessário um trabalho bastante complexo.

Envolve várias etapas que são imprescindíveis: cuidado com a escolha de cada procedimento; qual ou quais localidades serão selecionadas; quais informantes e que perfil de informantes será pertinente considerar; quantos informantes serão necessários à pesquisa; como será a coleta de dados; qual ou quais ferramentas serão utilizadas; quais os procedimentos adotados para a análise dos dados, entre outras. Todos esses momentos foram considerados cuidadosamente em nosso trabalho e ressaltamos que a preocupação foi mais complexa ainda, uma vez que os nossos informantes são índios, falantes do português como segunda língua, e que precisávamos adentrar terras indígenas, local de residência deles.

Dessa forma, para o início da pesquisa, o primeiro desafio foi definirmos em que terra indígena iríamos realizar a investigação e como deveríamos proceder para conseguir ter acesso a uma aldeia. Nessa etapa foi necessário irmos a órgãos e instituições públicas do estado do Maranhão, em busca de informações a respeito de terras indígenas e de como chegar a essas localidades.

3.3 Passos preliminares: seleção do local da pesquisa

O período que definimos para realizar a pesquisa de campo revelou configurar-se em um cenário não muito favorável para visitas de não-índios a terras indígenas (atualmente ainda se apresenta dessa forma).

Na internet e em jornais de televisão, constantemente, era noticiada a situação crítica que envolvia questões indígenas no estado do Maranhão: os índios, reivindicando melhorias para seu povo, estavam fazendo reféns, tendo como alvo pessoas que entrassem nas aldeias. Para que os reféns pudessem ser soltos, o governo deveria atender às necessidades indígenas.

Esse tipo de acontecimento tornou-se (e assim continua) muito comum em terras indígenas. Além disso, aconteciam e ainda acontecem muitos conflitos de outra natureza envolvendo índios: muitos brancos, aproveitando o descaso do tratamento dado aos índios, os discriminam e se aproveitam dessa situação para alcançar benefícios pessoais. Isso provavelmente é um dos motivos pelos quais conseguir entrar em terras indígenas do estado do Maranhão, por exemplo, ainda que para realização de pesquisas, apresente dificuldades difíceis de suplantar. Muitas vezes, as pessoas que lidam com questões burocráticas (órgãos públicos, instituições religiosas) tendem a omitir ou dificultar o repasse de informações claras sobre como ter acesso a aldeias (uma realidade que enfrentamos no início da pesquisa) e evitam que não-índios adentrem reservas indígenas, empecilho esse que os pesquisadores constantemente vivenciam.

Como já prevíamos que poderíamos passar pela situação apresentada acima, no início da pesquisa elegemos lugares menos conflituosos para irmos em busca de informações mais específicas, referentes a questões indígenas de âmbito linguístico. O intuito, nesse primeiro momento, era de alcançarmos o máximo de informações possíveis dos índios guajajáras residentes no Maranhão e, conseqüentemente, conseguirmos um parecer favorável para visitar uma aldeia específica para realizarmos a pesquisa.

3.3.1 Instituições consultadas

Inicialmente, por questões burocráticas e até mesmo por motivos relacionados à dificuldade de chegar a território indígena – por ser distante da capital do Maranhão e, sobretudo, por ser localizado em terras de difícil acesso e bastante isoladas – delimitar uma área indígena e o local específico da pesquisa foi bastante difícil²². Mas, realizamos pesquisas, obtivemos informações na internet, investigamos lugares estratégicos (institutos e afins), e conseguimos filtrar informações de aldeias de índios guajajáras para, em seguida, eleger uma localidade específica para a realização da pesquisa de campo.

Dessa forma, além de consultas na internet sobre os índios guajajáras, conforme já comentamos, fomos pessoalmente a instituições públicas localizadas no estado do Maranhão, a saber: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Conselho Indigenista Missionário (CIMI); Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Descrevemos, em seguida, as informações que nos forneceram essas instituições.

a) Pesquisa no IBGE:

Na internet, primeiramente, no site do IBGE²³, pudemos verificar informações dos territórios do estado do Maranhão. No entanto, quando se trata de referências indígenas, essas informações não são precisas. Assim, fomos ao polo do IBGE em São Luís, mas os funcionários desse instituto não tinham informações, além das que conseguimos verificar no *site*, referentes aos índios. Os próprios funcionários do IBGE alegaram que há carência no que diz respeito a informações específicas sobre índios, e solicitaram que, quando terminássemos a pesquisa, retornássemos ao Instituto para disponibilizarmos os resultados alcançados.

b) Pesquisa no CIMI:

²² Há áreas indígenas que possuem várias aldeias. Na terra indígena Cana Brava, por exemplo, verificamos pelo menos 4 aldeias guajajáras que pertencem a esse mesmo território.

²³ Mais informações, consultar o site <http://www.ibge.gov.br/index.php/quem-somos>.

O Conselho Indigenista Missionário²⁴ (CIMI) é uma entidade amparada pela igreja católica. O CIMI é vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Após verificarmos a existência de um CIMI no Maranhão²⁵, fomos até o polo, localizado em São Luís. Porém, mais uma vez, retornamos de lá sem expectativas positivas de conseguir acesso a qualquer aldeia do Maranhão²⁶.

c) Pesquisa na FUNAI

Na FUNAI conseguimos obter informações mais detalhadas sobre os procedimentos adequados para visitar uma aldeia indígena. Primeiramente, um dos funcionários da FUNAI descreveu a situação dos conflitos indígenas. Fomos alertados, inclusive, sobre a possibilidade de não conseguirmos autorização para realizar a pesquisa. De início, o funcionário que nos atendeu falou de várias aldeias e descartou as terras indígenas que ele considerava não ser aconselhável visitar.

Foi marcado outro dia para retornarmos à FUNAI para mais detalhes. Na última ida a essa Fundação, elegemos uma terra indígena para tentarmos conseguir autorização para realizar a pesquisa. A terra indígena definida para a pesquisa foi a Cana Brava, localizada na cidade de Barra do Corda, interior do Maranhão. Essa terra é uma reserva indígena que apresenta um grande número de índios guajajáras.

3.3.2 Local da pesquisa: cidade de Barra do Corda (MA)

Para a realização desta pesquisa, selecionamos a comunidade indígena aldeia Cachoeira, localizada na cidade de Barra do Corda. Essa cidade encontra-se localizada no interior do estado do Maranhão. Territorialmente fica longe da cidade de São Luís, a uma distância de cerca de 444km da capital do Maranhão.

De acordo com o censo disponibilizado pelo IBGE (2010), Barra do Corda está localizada em área rural e conta com uma população de aproximadamente 82.830 pessoas, com uma densidade demográfica de 15,92 (hab./km²).

Essa cidade é rodeada de reservas indígenas, entre elas, a terra indígena Cana Brava.

²⁴ http://www.cimi.org.br/site/pt-br/?system=paginas&conteudo_id=5685&action=read. Acesso: 24/07/2016

²⁵ O CIMI está presente em outros estados do Brasil.

²⁶ Realizamos o agendamento e fomos à CIMI de São Luís no dia e no horário previamente agendados. Mas, quando chegamos, percebemos reticência por parte dos funcionários dessa instituição em nos fornecer informações sobre terras indígenas. É provável que o motivo fosse a situação de conflitos em reservas indígenas, que estava muito tensa. O funcionário que nos atendeu pediu para irmos um outro dia e comprometeu-se a nos ligar para nos informar, mas não voltou a manter contato.

Nessa localidade, encontra-se a aldeia Cachoeira onde habitam os índios guajajáras, que foram informantes da nossa pesquisa.

A circulação de índios em Barra do Corda é uma realidade, não só índios guajajáras, mas também de outras aldeias. O mapa I, a seguir, mostra a localização do município de Barra do Corda (MA).

Mapa 1 - Cidade de Barra do Corda (MA).



Fonte: Google mapa (2015).

3.4 Os guajajáras da aldeia Cachoeira

Optamos por investigar os índios guajajáras, tribo de índios bilíngues (guajajára-português) que habitam e residem a aldeia Cachoeira, que se localiza na mesorregião do município de Barra do Corda, na demarcação territorial da reserva indígena *Cana Brava*, interior do estado do Maranhão.

Esses índios fazem uso do português como segunda língua e têm o guajajára como língua materna.

Oficialmente, esta aldeia é registrada com o nome de aldeia Cachoeira²⁷, nome que os moradores da cidade usam para se referir ao território indígena. Mas para os índios guajajaras que a habitam, o nome da aldeia é Cachoeira Grande, uma tradução literal do nome guajajára, *Yrypu-uhu* para a língua portuguesa.

Na entrada da aldeia encontra-se a casa do cacique e de sua família. Na aldeia, há uma grande cachoeira que é uma das fontes de arrecadação de dinheiro dos índios. Nos finais de semana, por exemplo, moradores, não-índios, de Barra do Corda, geralmente visitam a reserva indígena para lazer²⁸ na cachoeira. Para acesso à cachoeira, os índios realizam a cobrança de um valor simbólico de cada uma das pessoas que frequentam esse espaço. A seguir, apresentamos duas imagens, uma da casa que fica localizada na entrada da aldeia e a outra com a placa que fica na frente da casa, com o nome da aldeia²⁹ e com uma seta que sinaliza o local em que se encontra a cachoeira.

Imagem 2 – Casa na entrada da aldeia.



Fonte: acervo do pesquisador.

Imagem 3 – Placa que sinaliza a entrada da aldeia.



Fonte: acervo do pesquisador.

A aldeia Cachoeira está bastante isolada do centro da cidade (a uma distância, aproximadamente, de 30 quilômetros de Barra do Corda). Convivem nessa aldeia cerca de 120 índios. Na aldeia, além das casas indígenas (que são bastante simples, a grande maioria de barro,

²⁷ Embora exista divergência quanto ao nome da aldeia, adotaremos o nome que é utilizado oficialmente para se referir à aldeia em questão. Assim designaremos a aldeia como aldeia Cachoeira.

²⁸ Isso dificultou bastante a realização de algumas gravações. Nos finais de semana a movimentação é grande na aldeia. Além do barulho, sons automotivos e ruído produzido pelos visitantes, os índios estão ocupados, trabalhando no controle de quem chega à aldeia, na cobrança da taxa de acesso à cachoeira e na fiscalização do local.

²⁹ Podemos verificar que o nome que os guajajaras usam para a sinalização da aldeia, não é o nome do registro oficial da aldeia, aldeia Cachoeira, e sim o nome local compartilhado pelos índios, Cachoeira Grande.

tábua ou palha), há algumas construções com melhor estrutura: uma escola local, pequena, que contempla apenas aula de língua portuguesa; uma pequena construção de alvenaria, que é reservada para atender a saúde dos índios e, também, uma caixa d'água para fornecimento de água à comunidade indígena.

A maioria dos guajajáras da Cachoeira (exceto alguns poucos índios idosos) são bilíngues (têm o guajajára como língua materna e o português como segunda língua).

É importante ressaltarmos que, para termos acesso à aldeia, além de obtermos autorização da FUNAI, foi necessária, sobretudo, a aceitação do dirigente indígena da aldeia Cachoeira, o cacique. Após essa autorização, o acesso à localidade tornou-se possível.

Apesar de todos os empecilhos – desde a dificuldade de seleção da aldeia, levando em conta as relações conflituosas entre brancos³⁰ e índios em muitas localidades; a localização da aldeia, distante da cidade de Barra do Corda; a resistência, inicialmente, de alguns índios quanto à aceitação da presença do pesquisador na aldeia; a necessidade de adaptação à cultura indígena nos dias em que ficamos na aldeia em tempo integral (sobretudo, na segunda etapa da pesquisa), entre outros fatores, a pesquisa de campo foi desenvolvida e acreditamos que os resultados sinalizam que os objetivos foram atingidos.

3.5 Definição dos informantes

Conforme definido na metodologia desta pesquisa, o quadro para a identificação do perfil dos informantes foi estruturado com base na metodologia de pesquisa do projeto GeoLinTerm. Assim, para a realização da investigação, decidimos trabalhar com 10 informantes, selecionados de acordo com o seguinte perfil:

- a) bilíngue (falante de língua indígena e português);
- b) nativo da localidade;
- c) sem afastamento da localidade de origem, por mais de um terço da vida.

Ao considerarmos esses critérios como base para a seleção dos informantes, no nosso primeiro contato na aldeia, selecionamos dez informantes, quatro homens e seis mulheres. Após essa seleção, conforme nossas idas à aldeia se sucediam, pudemos coletar informações mais precisas desses índios. Dessa forma, após a seleção dos informantes, coletamos outras informações e elaboramos uma tabela geral, apresentando informações quanto ao sexo, idade, escolaridade e ocupação, como pode ser verificado no quadro 4, abaixo.

³⁰ Para os índios guajajáras da aldeia Cachoeira, os brancos são todas as pessoas que não são índios.

Quadro 4 – Estratificação dos informantes selecionados para a pesquisa.

INFORMANTES				
	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO
INFORMANTE 1	Mulher	14 anos	Fundamental (incompleto)	Estudante
INFORMANTE 2	Mulher	18 anos	Fundamental (incompleto)	Estudante e cuida da casa
INFORMANTE 3	Homem	19 anos	8ª série (incompleto)	Estudante
INFORMANTE 4	Mulher	24 anos	Ensino médio (incompleto)	Professora dos índios da aldeia cachoeira
INFORMANTE 5	Mulher	32 anos	Fundamental (incompleto)	Agente de saúde da aldeia Cachoeira
INFORMANTE 6	Mulher	34 anos	Ensino médio (incompleto)	Professora dos índios da aldeia cachoeira
INFORMANTE 7	Homem	39 anos	Ensino médio	Agente de saúde da aldeia Cachoeira e representante da aldeia
INFORMANTE 8	Mulher	52 anos	Alfabetizada, mas não frequentou escola	Dona de casa
INFORMANTE 9	Homem	54anos	Alfabetizado, mas não frequentou escola	Chefe da aldeia (Cacique)
INFORMANTE 10	Homem	55 anos	Alfabetizado, mas não frequentou escola	Realiza trabalhos locais na aldeia

Fonte: Quadro elaborado pelos pesquisadores.

3.5.1 Ficha da localidade e ficha dos informantes³¹

Com o intuito de coletarmos o máximo de informações possíveis referentes à localidade da pesquisa e também aos dez informantes, utilizamos duas fichas³² compreendendo perguntas diversas. Com o preenchimento da ficha 1, da localidade³³, pudemos realizar um levantamento mais amplo a respeito de como os índios da aldeia Cachoeira se organizam, como ocupam a

³¹ Essas fichas foram elaboradas tomando como base as fichas utilizadas no projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALIMA), com poucas alterações.

³² Essas fichas são constituídas de várias perguntas sobre a convivência dos índios na aldeia e outros aspectos mais específicos. Fazíamos as perguntas e pedíamos que os informantes respondessem oralmente, enquanto preenchíamos, na própria ficha, cada resposta.

³³ Para o preenchimento da ficha da localidade, contamos com o apoio do cacique da aldeia e também de outro representante da localidade.

maior parte do tempo e outros aspectos socioculturais locais. A segunda é a ficha 2, do informante. Assim, antes de começarmos a trabalhar especificamente com as narrativas pessoais orais, primeiramente, realizamos com cada informante o preenchimento de uma ficha individual. Essa ficha nos ajudou a complementar a ficha geral (ficha 1) utilizada para coleta de informações sobre a aldeia.

Dessa forma, no total, realizamos o preenchimento de 11 fichas³⁴, uma geral, a ficha da localidade e dez fichas individuais de informantes, com as narrativas orais.

3.5.2 Códigos utilizados para referência dos informantes

Para auxiliar na sinalização dos informantes e, principalmente, para preservar a identidade dos índios guajajáras que fizeram parte da nossa pesquisa, elaboramos, para nos referir a esses informantes, códigos específicos. Organizamos a codificação seguindo a seguinte motivação: o primeiro código informa quando se trata de informante homem (H) ou mulher (M); o segundo código inicia-se com a inicial do nome do informante, por exemplo, Roberto (R).

Quadro 5 – Códigos para referência dos informantes.

CODIFICAÇÃO DOS INFORMANTES	
INFORMANTES	CÓDIGOS
INFORMANTE 1	MV
INFORMANTE 2	ME
INFORMANTE 3	HK
INFORMANTE 4	MP
INFORMANTE 5	MM
INFORMANTE 6	MK
INFORMANTE 7	HA
INFORMANTE 8	MD
INFORMANTE 9	HL
INFORMANTE 10	HR

Fonte: Quadro elaborado pelos pesquisadores.

³⁴ Em apêndice disponibilizamos o modelo das duas fichas que utilizamos: a ficha geral e a ficha dos informantes.

3.6 Definição do instrumento de coleta de dados

Nas pesquisas sociolinguísticas, que utilizam, como *corpus*, dados da oralidade dos informantes, busca-se coletar a fala mais espontânea de uma comunicação, em outras palavras, o ideal é alcançar a fala que se revela mais próxima possível do *vernáculo* desses falantes. De acordo com Tarallo (2001), o contexto de uso do vernáculo de uma língua relaciona-se com os “momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao *como* da enunciação” (p. 19). Entendemos, como vernáculo, “a língua falada em situações naturais, espontâneas, em que supostamente o falante se preocupa mais com *o que* dizer do que com o *como* vai dizer.”. (CEZARIO; VOTRE, 2012. p. 149)

Destacamos que, em geral, em pesquisa de campo, principalmente quando compreende falantes não nativos da língua portuguesa, os informantes tendem a monitorar o discurso³⁵ buscando utilizar o português padrão. Em razão disso, e considerando a necessidade de alcançarmos, na fala dos informantes da pesquisa, uma materialidade linguística que fosse ou que, pelo menos, se aproximasse do vernáculo, utilizamos como instrumento de pesquisa a coleta de narrativas orais pessoais.

Como as narrativas são de cunho pessoal, o conteúdo que normalmente se apresenta veiculado nelas é particular a cada informante – em geral, diz respeito a fatos que o marcaram positiva ou negativamente -, e quando falamos de algo com que estamos intrinsecamente envolvidos, durante a narração, há uma tendência à fala proferida espontaneamente, ou seja, sem preocupação com o uso da norma considerada padrão na língua. Considerando esse raciocínio e atrelando-o a uma das características que envolvem o contexto de uso de unidades fraseológicas – são utilizadas na comunicação cotidiana, em geral em contextos informais -, definimos as narrativas pessoais orais como a alternativa para coletar a fala espontânea da língua portuguesa pelos índios e, conseqüentemente, identificar o uso de fraseologias em língua portuguesa na comunicação dos índios guajajáras. Tarallo (2001, p. 23) afirma que

A narrativa de experiência pessoal é a mina de ouro que o pesquisador-sociolinguista procura. Ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativa, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma.

³⁵ Empregamos o termo discurso para nos referirmos à fala de modo geral, sem nenhum comprometimento teórico específico.

Assim, a pesquisa foi realizada *in loco*, tendo como instrumento de coleta de dados as narrativas pessoais orais, proferidas em língua portuguesa, pelos guajajáras da aldeia Cachoeira.

3.6.1 Temática das narrativas orais pessoais

Para nos auxiliar na coleta das narrativas e, também, para proporcionar um cenário mais dinâmico de diálogo com os índios, favorecendo a espontaneidade ao narrarem acontecimentos pessoais, elaboramos roteiros de possíveis temáticas para início das narrativas, levando em consideração, entre outros critérios, os aspectos culturais, linguísticos e sociais dos informantes, características essas que puderam ser observadas durante a primeira etapa da pesquisa.

Em nossos primeiros contatos na aldeia, verificamos alguns acontecimentos que se revelaram ser típicos e de bastante repercussão na localidade, como, por exemplo: fatos sobre a infância dos índios; alguns medos por que passaram (na adolescência ou quando adultos); acontecimentos misteriosos; ritual de festa na aldeia, entre outros. Acreditamos que esses contextos poderiam ser produtivos para a realização das narrativas. Dessa forma, definimos esses acontecimentos como temáticas para contextualizar as narrativas.

3.6.2 Coleta de narrativas orais pessoais

A partir das temáticas definidas, elaboramos roteiros norteadores para que os informantes iniciassem as narrativas. Dessa forma, no momento da realização das gravações, solicitamos que os informantes narrassem em português: a) um acontecimento positivo de sua infância ou adolescência que o tivesse marcado; b) um acontecimento que provocou medo; c) um fato misterioso que aconteceu na aldeia; d) detalhes sobre rituais de festas na aldeia.

3.6.3 Gravações e manuseamento dos dados

Como o *corpus* da pesquisa é de narrativas orais do tipo pessoal, considerando o contexto de realização dessas narrativas – contexto informal, fala espontânea, despreocupação com formalidade de uso da língua - realizamos a transcrição grafemática, que se caracteriza pela transcrição da fala do informante, tal como foi produzida, utilizando os recursos da ortografia vigente. Assim, para auxiliar na identificação das unidades fraseológicas, realizamos

as gravações e, posteriormente, a transcrição grafemática das narrativas, visando descrever a produção linguística real do informante, ou seja, a forma como a língua é falada pelos índios.

Para a realização das gravações³⁶ das narrativas, utilizamos como aparato tecnológico o gravador do celular Samsung Galaxy Gran Duos, modelo SM-G360BT/DS, versão do Androide.

Assim, decodificamos os áudios realizando transcrição grafemática³⁷. Ressaltamos que, ao transcrevermos os áudios, para preservar a identidade dos índios, utilizamos códigos específicos para identificar cada informante (conferir o item 3.4.2 deste texto).

3.7 Descrição da realização da pesquisa de campo

Apresentamos, a seguir, como realizamos a pesquisa de campo. Para a nossa ida à aldeia, tivemos três momentos de pesquisa de campo, permanecendo cerca de 4 a 7 dias na aldeia, em cada momento. Procedemos da seguinte forma: **i)** definimos que o primeiro momento da pesquisa de campo seria destinado, sobretudo, para conhecer o local onde vivem os índios, verificar a convivência na aldeia e se realmente seria possível realizarmos o nosso trabalho, ou seja, foi a preparação preliminar para o primeiro contato com os índios e para obtenção de conhecimentos gerais sobre a aldeia Cachoeira; **ii)** a segunda etapa foi definida para dar início à gravação e coleta das narrativas orais pessoais; **iii)** a terceira e última etapa destinamos para o término das gravações e finalização da pesquisa de campo. Detalharemos, a seguir, como foi o desenvolvimento do trabalho em cada momento de pesquisa de campo.

3.7.1 Primeiro momento da pesquisa de campo

O intuito foi o de realizar um levantamento sobre a comunidade indígena da aldeia Cachoeira e ter uma visão geral sobre a vida cotidiana nessa localidade.

Notamos, nesse primeiro contato com os índios, que a maioria deles demonstrou timidez, vergonha de falar, e alguns alegaram que o motivo era o medo de falar o português

³⁶ Inicialmente, tínhamos definido realizar as gravações fazendo uso de um gravador profissional. Mas o gravador que levamos no primeiro momento da pesquisa de campo suportou poucos minutos de gravação e percebemos que constantemente teríamos que realizar a troca das pilhas. Como já estávamos na aldeia, utilizamos o gravador do celular Samsung. Em razão disso, como os resultados foram satisfatórios, nos outros momentos de pesquisa de campo, continuamos a fazer uso do celular para gravar a fala dos informantes.

³⁷ Optamos por não trabalhar com transcrição fonética, visto que consideramos dispensáveis interferências do tipo fonético-fonológico para o objetivo do trabalho.

errado³⁸. Os moradores da aldeia Cachoeira evitavam até olhar-nos, mas progressivamente, conforme foram se familiarizando, passaram a colaborar e a agir sem tanto receio.

Para o primeiro momento da pesquisa, foram realizadas quatro visitas à aldeia³⁹. Ainda no primeiro dia, quando os índios demonstravam receio e constrangimento no primeiro contato com pessoas estranhas à aldeia, conseguimos obter uma participação positiva para a realização da pesquisa.

Foi necessário, por exemplo, que nos inseríssemos⁴⁰ de fato no contexto de convivência dos índios e participássemos, junto com eles, da vida cotidiana numa aldeia.

Os demais dias foram mais produtivos. Foi possível informar melhor os índios sobre a realização da pesquisa e planejar as possíveis datas de retorno à aldeia.

Conhecemos a convivência na terra indígena, obtivemos esclarecimentos dos índios sobre a vida na aldeia, fomos informados sobre a cultura e as festas comuns entre eles. À medida que disponibilizavam essas informações, anotávamos as mais importantes para, posteriormente, selecionarmos as possíveis temáticas que utilizaríamos como base para as narrativas orais⁴¹.

Embora, nesse primeiro momento de pesquisa de campo, a finalidade não fosse a de identificar unidades fraseológicas, durante os quatro dias de visitas de permanência na aldeia, conseguimos identificar, em alguns diálogos, expressões que suspeitávamos ser exemplos do aspecto linguístico de interesse do nosso trabalho, as unidades fraseológicas. Dessa forma, à medida que surgiam expressões que eram entendidas como possíveis unidades fraseológicas, solicitávamos que os índios repetissem a frase em que essa construção havia ocorrido e tentávamos decodificar o significado ou perguntávamos diretamente o que significava. Assim, já nesse primeiro contato com os guajajáras, foram identificadas unidades fraseológicas.

Embora logo no início - principalmente nos primeiros contatos que tivemos com os índios, durante o primeiro dia na aldeia -, tenha havido resistência para conseguirmos que os índios residentes na aldeia Cachoeira aceitassem naturalmente a nossa convivência com eles,

³⁸ Ao chegarmos à aldeia, foi difícil obtermos informações, pelos índios, sobre a localidade. Em geral, a conversa resumia-se a respostas do tipo *sim, não, talvez, não sei...*

³⁹ Não havia transporte público para os moradores da cidade e nem veículo que realizasse o deslocamento dos índios para a cidade ou vice-versa. Para chegarmos à aldeia, agendamos a viagem com um rapaz que trabalha na rodoviária local para nos levar à terra indígena. Dessa forma, como realizaríamos visitas em quatro dias, o rapaz nos levava pela manhã e retornava no final da tarde para a cidade de Barra do Corda.

⁴⁰ Compartilhamos do pensamento de que não há cultura melhor ou inferior a outra. Nesse sentido, certamente já prevíamos que ao chegarmos à aldeia iríamos deparar com costumes e hábitos diferentes dos nossos. Mesmo encontrando algumas coisas bastante diferentes da nossa realidade, percebemos que só conseguiríamos, de fato, ganhar a confiança dos moradores da aldeia quando participássemos e nos inseríssemos nas atividades locais que eles realizavam.

⁴¹ Conferir a seção 3.5 deste texto.

depois, pouco a pouco, os índios foram se tornando receptivos e demonstraram interesse em contribuir para a realização da pesquisa.

Ressaltamos que, durante os primeiros dias, fomos realizando levantamento de informações sobre os moradores da aldeia e, com isso, pudemos ter uma visão geral de quem se enquadrava nos critérios que definimos para nossos informantes. Dessa forma, ainda nesse primeiro momento, realizamos o preenchimento da ficha da localidade, selecionamos os dez informantes que se enquadravam no perfil que definimos para a nossa pesquisa (no item 3.4 apresentamos os critérios de seleção dos informantes) e decidimos que, na nossa seguinte estadia, realizaríamos a coleta das narrativas orais pessoais.

3.7.2 Segundo momento da pesquisa de campo

Essa etapa foi destinada à realização da gravação das narrativas orais pessoais.

Essa fase da pesquisa, em razão da entrevista individual com os informantes, demandou um número maior de dias. Houve, nesse sentido, a necessidade de ficarmos em tempo integral na própria aldeia, o que certamente contribuiu para vivenciarmos de forma mais aprofundada o convívio com os índios.

No final do primeiro momento da pesquisa de campo, já havíamos definido dez possíveis informantes que se enquadravam nos critérios que elencamos para a pesquisa. Mas, ao retornarmos a campo, quatro dos nossos informantes nos comunicaram que haviam desistido e que não poderiam participar. Alguns alegaram que haviam desistido por vergonha, que não iriam se sentir confortáveis com a gravação da fala e outros só disseram que não seria possível, sem apresentar justificativas⁴². Em razão disso, houve a necessidade de selecionar quatro novos informantes.

Ficamos uma semana na aldeia, sem retornar à cidade durante os sete dias. No primeiro dia, buscamos informação sobre índios que pudessem aceitar fazer parte da pesquisa. Conseguimos selecionar os quatro informantes para cobrir a lacuna deixada pela desistência dos primeiros quatro índios. Totalizamos, assim, os dez informantes que prevíamos para a realização da pesquisa, conforme já apresentamos no Quadro 1 deste texto (estratificação dos informantes).

Inicialmente, realizamos o preenchimento da ficha individual e, em seguida,

⁴² Os informantes participaram da pesquisa voluntariamente. Dessa forma, foram informados de que tinham o direito de, a qualquer momento, desistir e optar por não fazer parte da pesquisa. Aceitamos a decisão dos índios que desistiram e buscamos outros informantes.

apresentamos as temáticas norteadoras para as narrativas orais pessoais. Nos dias em que ficamos na aldeia, conseguimos realizar a coleta das narrativas de seis informantes. Geralmente, gravávamos um informante de manhã e outro à tarde.

Com alguns informantes as narrativas fluíam e eram bastante produtivas. Mas, na coleta de algumas narrativas, percebíamos a fala dos índios muito restrita, pois falavam resumidamente dos acontecimentos. Mesmo alertando-os de que o nosso objetivo não era o de avaliar a fala, muitos buscavam expressar-se no português padrão. Por essa razão, algumas narrativas foram bastante sucintas, sobretudo, as dos informantes mais jovens.

Aproveitamos o tempo de permanência na aldeia para conhecer mais o ambiente. Tivemos a oportunidade de ir, por exemplo, à escola dos índios e vivenciar como acontece o ensino na escola⁴³.

É importante destacarmos um fato recorrente durante nossa estadia para a pesquisa: quando estávamos em contexto diferente do da gravação, por exemplo, em intervalos para almoço, ou à noite, quando realizavam conversas informais de assuntos diversos, vez por outra os índios faziam uso de expressões que suspeitávamos ser exemplos de fraseologias. Isso foi muito comum, principalmente quando percebiam que não estavam tendo sua fala gravada. Dessa forma, quando, nesse contexto, verificávamos a ocorrência de fraseologias, realizávamos o registro dessas expressões, as quais também foram integradas para constituição do *corpus* da pesquisa, o que acreditamos ser importante considerar.

3.7.3 Terceiro momento da pesquisa de campo

Para o último momento da pesquisa de campo, precisávamos coletar a narrativa de quatro informantes. Como os informantes já estavam selecionados desde a última visita⁴⁴, ao chegarmos à aldeia precisamos apenas organizar a disponibilidade dos informantes, a ordem e os horários da gravação de cada um.

Para a realização das gravações, procedemos da forma utilizada para a coleta das narrativas anteriores: primeiramente, realizamos o preenchimento da ficha individual dos informantes e, em seguida, apresentamos as temáticas norteadoras para as narrativas.

⁴³ É muito difícil para as crianças, por exemplo, permanecerem, por muito tempo, sentadas observando a professora ministrar a aula. A própria professora informou que, como a vida na aldeia é bastante dinâmica, é difícil exigir que os alunos fiquem muito tempo sentados. Em geral, as crianças ficam pouco mais de 1h na sala, depois querem ir embora.

⁴⁴ Esses quatro informantes são os que selecionamos posteriormente, em razão da desistência de alguns informantes.

Para esse último momento da pesquisa de campo, também ficamos em tempo integral na aldeia, durante quatro dias dedicados à pesquisa. Apesar de alguns acontecimentos⁴⁵, que dificultaram a conclusão do trabalho de campo, a participação dos moradores da aldeia e, principalmente, dos informantes, permitiu finalizarmos as gravações.

3.8 Identificação de unidades fraseológicas

Para este trabalho, não consideramos a tipologia das unidades fraseológicas coletadas na fala dos índios guajajáras, ou seja, a classificação em cristalizadas, idiomáticas, frases feitas ou outro tipo específico de fraseologia. O objetivo maior do nosso trabalho foi o de realizar o levantamento e a identificação de unidades fraseológicas.

Para a identificação de unidades fraseológicas, conforme sinalizamos no capítulo teórico, pautamo-nos na visão ampla do conceito de fraseologia. Ancoramo-nos, dessa forma, nas contribuições de Montoro del Arco (2006), Corpas Pastor (1996) e Salah Mejri (2012), tomando como base a proposta de Corpas Pastor (1996), principalmente. A partir disso, procedemos à análise de nossos dados e à identificação de fraseologias proferidas em língua portuguesa pelos índios guajajáras.

3.8.1 Tratamento e análise dos dados

Para a identificação das unidades fraseológicas, procedemos à análise dos dados coletados. Consideramos, nesta etapa, as anotações mais gerais, realizadas nos primeiros contatos com os guajajáras da aldeia Cachoeira, e as anotações mais específicas e detalhadas, compiladas a partir da coleta das narrativas orais.

As expressões que suspeitávamos serem exemplos de unidades fraseológicas foram destacadas, utilizando os símbolos < >, conforme exemplo a seguir: <quilômetro puxado>. Depois disso, procedemos ao estabelecimento de relações dessas possíveis unidades fraseológicas com os critérios que definimos, tais como a polilexicalidade, ou seja, a constituição por mais de um item lexical, e se constituíam uma unidade semântica⁴⁶. Dessa

⁴⁵ A nossa última ida à aldeia foi realizada no final do mês de fevereiro de 2016. No estado do Maranhão, principalmente nas cidades localizadas no interior, ocorriam doenças transmitidas por mosquito. Na aldeia, por exemplo, a quantidade de pessoas doentes era alarmante e um dos quatro informantes estava com sintomas da doença.

⁴⁶ Ressaltamos que em nosso trabalho estamos considerando também as expressões que apresentam unidades semânticas em que é possível realizar a decomposição semântica dos itens lexicais que as compõem. Por exemplo, em *sair um bocado*, que foi proferida pelos guajajáras no sentido de *sair várias vezes*, percebemos que é possível

forma, as definimos como sendo unidades fraseológicas.

Para identificação do significado de cada Unidade Fraseológica, consideramos o contexto de ocorrência em que elas foram proferidas. Em alguns momentos da pesquisa, durante as narrativas, por exemplo, quando encontrávamos dificuldades para depreender precisamente do que tratava tal fraseologia, pedíamos que os informantes as repetissem e informassem o que queriam dizer, ao utilizar determinada unidade fraseológica. Procedemos dessa forma para realizarmos a identificação das unidades fraseológicas que apresentaremos no próximo capítulo deste texto.

3.8.2 Consulta em dicionários fraseológicos e obras sobre o falar maranhense, para levantamento de dados

Em razão da nossa pesquisa tratar de unidades fraseológicas faladas em língua portuguesa por índios que têm o português como segunda língua e, também, por não termos tido acesso a nenhum outro trabalho de fraseologia similar a este, foi impossível identificar, de imediato, a existência das unidades fraseológicas, levantadas na fala de nossos informantes, na fala de usuários que têm o português como segunda língua. Por isso, consideramos necessário realizar um levantamento em obras especializadas sobre fraseologia da língua portuguesa, para verificar se as unidades fraseológicas, em português, que circulam na comunicação indígena, são iguais às que aparecem registradas, ou seja, se o contato dos índios com a língua portuguesa determina o uso das fraseologias pelos guajajáras ou se as fraseologias identificadas na comunicação indígena são mais específicas e características da aldeia Cachoeira.

Para a realização desse levantamento, selecionamos seis obras, dicionários de fraseologias do português e livros que apresentam listas de expressões, a saber: **i)** *A linguagem popular do Maranhão* (FILHO VIEIRA, 1958) **ii)** *Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos* (MAGALHÃES JÚNIOR, 1974); **iii)** *Folclore brasileiro/Maranhão* (FILHO VIEIRA, 1977); **iv)** *Frases feitas* (RIBEIRO, 1984); **v)** *Tesouro da fraseologia brasileira* (NASCENTES, 1986); **vi)** *Dicionário de expressões populares da língua portuguesa* (SILVEIRA, 2010).

Para a realização do levantamento das fraseologias nessas obras, realizamos a busca das

realizar a decomposição de cada item lexical, sem que percam o valor semântico presente na fraseologia, diferentemente do que acontece com a fraseologia *cheio da razão* que, na fala dos guajajáras, significa que a *pessoa alcoolizada*. Na decomposição semântica dos itens lexicais desse último exemplo, as lexias perdem o valor semântico apresentado enquanto ocorrência da construção de uma Unidade Fraseológica. Quando houve ocorrências similares aos dois exemplos apresentados, foram considerados em nosso trabalho como sendo unidades fraseológicas.

fraseologias coletadas na fala dos índios. Quando a fraseologia registrada na obra sinalizava proximidades formais e semânticas com a fraseologia coletada do falar guajajára, fazíamos o registro em nosso trabalho e registrávamos no *corpus* de nossa pesquisa, acrescentando as informações referentes ao número da página e ao significado da fraseologia registrado no livro.

3.8.3 Descrição das obras consultadas

Apresentamos, a seguir, informações gerais a respeito das seis obras consultadas para a pesquisa.

a) **Tesouro da fraseologia brasileira** (NASCENTE, 1986) – desta obra constam expressões e locuções da língua portuguesa. É constituído por 2.000 verbetes e 7.000 locuções. A distribuição dos verbetes encontra-se em ordem alfabética e, quando há ocorrência, há a sinalização de possíveis variantes.

b) **Dicionário de expressões populares da língua portuguesa** (SILVEIRA, 2010) – de acordo com o próprio autor, este dicionário é resultado de uma compilação de gírias e outros modismos luso-brasileiros. O dicionário conta com o registro de 2.000 expressões, que se encontram organizadas em ordem alfabética.

c) **Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos** (MAGALHÃES JÚNIOR, 1974): esta obra é constituída por 926 expressões, apresentadas em ordem alfabética.

d) **Frases feitas** (RIBEIRO, 1984) - este trabalho é constituído por 338 fraseologias e a sua distribuição não está em ordem alfabética.

e) **Folclore brasileiro/Maranhão** (FILHO VIEIRA, 1977) reúne vários artigos, entre eles um sobre expressões e palavras populares do Maranhão, intitulado *Linguagem popular*.

f) **A linguagem popular do Maranhão** (FILHO VIEIRA, 1958) constituído por 132 entradas e organizado em ordem alfabética

Com base na metodologia que apresentamos, foi possível chegarmos aos resultados do nosso trabalho e alcançarmos os objetivos que propusemos em nossa pesquisa.

3.9 Procedimentos adotados para a organização dos resultados

Organizamos a apresentação dos resultados em duas etapas: primeiramente, disponibilizamos os resultados apresentando as fraseologias que identificamos com a pesquisa; em seguida, apresentamos os resultados referentes ao levantamento das fraseologias que apresentaram registro nas obras consultadas.

3.9.1. Procedimentos para a apresentação das fraseologias identificadas

Ressaltamos que não é objetivo desta pesquisa a elaboração de um glossário, mas para a apresentação das unidades fraseológicas, houve a necessidade de considerarmos alguns elementos que são pertencentes à constituição de verbetes em glossários e dicionários, por exemplo, Entrada, Definição, Contexto, Referência. Em razão disso, buscamos autores que trabalham com essa organização prática da elaboração de glossário, sobretudo no que diz respeito aos itens que constituem a microestrutura do verbete⁴⁷ para utilizarmos como base para a organização do resultado da pesquisa.

Para as informações sobre as unidades fraseológicas estamos tomando como base as orientações apresentadas no livro organizado por Bevilacqua; Humblé e Xatara (2011). Na distribuição das fraseologias apresentamos o que é considerado, por Almeida (2011), como informações obrigatórias sobre as fraseologias: termo entrada; contexto; definição do termo naquele domínio de saber; exemplos de uso retirados do *corpus*.

Apresentamos, primeiramente, a própria unidade fraseológica, que é a Entrada. Pontes (2009) diz que a “**entrada principal**, ou simplesmente **entrada**, é aquela que inicia o verbete de dicionário e apresenta-se como lema, denominando-se comumente como tal. (p. 112).

Quanto à definição, consideramos o percurso semasiológico, ou seja, estamos partindo da expressão para posterior decodificação do que ela representa. Correia (2009, p.45) diz que nesse percurso “partem da forma da unidade para a determinação do seu significado”. Para esclarecimento, Ilari (2002) afirma que a definição pode ser entendida como “um pequeno texto em que se formula o significado de uma palavra.” (p. 55).

Ressaltamos, ainda, que para a elaboração da definição estamos considerando a categoria gramatical da lexia que inicia a unidade fraseológica, pois “as definições apresentam estruturas diferenciadas consoante a categoria da entrada: o enunciado definicional respeita a categoria da entrada que está a ser definida – por exemplo, um verbo apenas pode ser definido através de perífrases verbais ou de verbos” (CORREIA, 2009, p. 55).

Apresentamos os resultados conforme explicação⁴⁸ a seguir: i) as fraseologias aparecem

⁴⁷ O verbete é um gênero textual que contempla as informações principais de um termo. As informações que devem constar na microestrutura dos verbetes dependem, muitas vezes, da natureza do *corpus*, da necessidade de descrição do termo, entre outros fatores, fazendo, assim, com que o verbete seja mais ou menos complexo.

⁴⁸ Quanto à distribuição e ordem de apresentação das informações referentes às unidades fraseológicas, utilizamos as convenções terminográficas adotadas nos trabalhos terminológicos. Como referência consultamos Faulstich (1995); Krieger e Finatto (2004).

em ordem alfabética, destacadas em negrito, distribuídas em uma listagem, com numeração crescente⁴⁹; ii) na listagem, as palavras que constituem as fraseologias estão grafadas ortograficamente⁵⁰; iii) todas as fraseologias estão acompanhadas de suas respectivas definições. Após essas informações, disponibilizamos, em negrito, o código⁵¹ referenciando o informante que proferiu a fraseologia em questão. Em seguida, apresentamos em itálico o trecho, transcrito grafematicamente, do contexto de ocorrência da fraseologia. Ressaltamos que, no trecho da transcrição, para destacarmos a fraseologia a que estamos nos referindo, fazemos uso do símbolo < > antes e depois da ocorrência dessa fraseologia. A seguir, apresentamos um exemplo⁵² de como disponibilizamos os resultados referentes à apresentação das fraseologias.

9

Costela de cabra magra: estrada ou ramal que apresenta trechos com muitos buracos.

Informante: HCC

Contexto: *As criança não vão muito estudá pra Barra, é ruim, não mandam pra aldeia ônibus pra levá. Às veze, época passada tinha um micro-ônibus mas não aguentô muito tempo, rápido cancelaram, o trecho não é bom, as estrada <costela de cabra magra> acabam com o transporte e ninguém arruma não...*

3.9.2 Distribuição do resultado do levantamento realizado nas obras consultadas

Para auxiliar na organização dos resultados, no que diz respeito ao levantamento de fraseologias nas obras consultadas, elaboramos quadros para apresentar as informações que julgamos necessárias considerar para a análise. Os quadros foram elaborados com os seguintes itens: i) Nome da obra consultada; ii) Apresentação da fraseologia identificada da obra consultada que apresenta relação com a fraseologia dos nossos informantes; iii) Apresentação da fraseologia dos nossos informantes; iv) Significado literal registrado da obra consultada a que se refere; v) Relação de sentido das expressões.

Dos itens de informações que constam na tabela, no item relação de sentido das expressões, consideramos três tipos possíveis de relação: i) Relação igual; ii) Relação

⁵⁰ Embora a transcrição que adotamos para a pesquisa seja grafemática, para apresentação e disponibilização das fraseologias, registramos as palavras que constituem as expressões obedecendo às convenções da escrita ortográfica da língua portuguesa.

⁵¹ Conferir o quadro 5 - Códigos para referência dos informantes que constam neste trabalho.

⁵² Como o exemplo foi retirado dos nossos resultados, optamos por apresentar a mesma numeração que consta na listagem, por isso fizemos uso do número 6.

equivalente; iii) Relação semântica similar.

4 RESULTADOS

Apresentamos, neste capítulo, os resultados da pesquisa. Descrevemos, com mais destaque, as unidades fraseológicas identificadas no falar dos índios guajajáras e o levantamento que realizamos do registro dessas expressões em dicionários fraseológicos e em livros sobre falares regionais.

Este capítulo é constituído de duas seções. Na seção 4.1, *Descrição das unidades fraseológicas identificadas no falar dos guajajáras*, apresentamos as fraseologias, em português, que identificamos no *corpus* de natureza oral do falar dos índios guajajáras. Na seção 4.2, *Levantamento das unidades fraseológicas em seis obras especializadas*, apresentamos as fraseologias em português, proferidas pelos guajajáras, registradas em dicionários fraseológicos e obras sobre o falar maranhense.

4.1 Descrição das unidades fraseológicas identificadas no falar dos guajajáras

Após a busca de unidades fraseológicas no *corpus* que constitui esta pesquisa, identificamos a ocorrência de 51 unidades fraseológicas em língua portuguesa, na fala dos índios guajajáras.

4.1.1 Fraseologias da língua portuguesa identificadas na fala dos índios guajajáras

1

Acampar no quarto: Esconder-se.

Informante: HL

Contexto: *Ela já tinha saído da casa da minha mãe, e ela tava na casa da minha irmã, quando eu cheguei lá ela correu pra se <acampá no quarto> da minha irmã, a minha irmã falô pra mim que não era pra eu falá com ela, porque eu não merecia mais morá com ela.*

2

Acontece aqui, acolá: Acontece raramente.

Informante: MV

Contexto: *Aí através disso aí, nunca mais aconteceu. É muito raro acontecer. <Acontece aqui, acolá>. Os parente fala, ah foi fulano de tal que fez essa maldade.*

3

Ajeitar o casamento: Escolher antecipadamente um rapaz de bom caráter para casamento.

Informante: MK

Contexto: *Os pais muitas vezi eles <ajeitam o casamento> pros filhu desde pequeno. Aquele rapaz é trabalhado, minha filha tem que casá com ele, aí muitas vêzi o pai do rapaz também, eita que aquela moça é delicada, bonita você vai casá com ela, muitas vêzi os pais se organizam pra podê fazê o casamento das filha, mas só quem faz o casamento é o cacique da aldeia. O cacique diz que nós temos que <ajeitá o casamento> das nossa filhas pra depôs a moça casá e depôs a gente não se arrependê do cabra.*

4

Bate bucho: Espingarda caseira utilizada para a caça.

Informante: HK

Contexto: *Aí quando foi um dia, eu sem sabê de nada, nesse dia eu tava dormindo, aí chegô, chegou um carrinho, aí os menino tudo lá organizando cada um com seu <bate bucho> na mão pra ir caçar, né, no mato.*

5

Botar roça: Preparar a terra onde será realizado o plantio.

Informante: HR

Contexto: *Eu ia pra cidade, aí meu pai arranjava um pouco de alimentação pra mim, farinha, arroz pra mim pra podê eu botá roça, aí eu <botei a roça>, tratei da roça todinha, botei legume e segurou, e foi daí que eu comecei a se virar sozinho [...].*

6

Comer coisa carregada: Comer alimentos indigestos, geralmente, carnes de caça.

Informante: HA

Contexto: *Agora a mulhé, a minina moça tem que sê redobrado o cuidado, aí se passa o ano sem fazê a festa dela, ela passa um ano sem <comê coisa carregada> e se passa dês ano tem que passá dês anos...*

7

Comer o pão que o diabo amassou: Sofrer muito, passar por situação muito difícil.

Informante: HL

Contexto: *Rapaz, não foi nada fácil! Eu tive que <comê o pão que o diabo amassô>.*

8

Comida leve: Comida não gordurosa, com pouco sal.

Informante: HR

Contexto: *Come a farinhazinha seca, ou uma <comida leve>, como a galinha, digamos assim, o pexezinho que não é carregado, não pode comê carne de porco, carne de caça...*

9

Costela de cabra magra: Estrada ou ramal que apresenta trechos com muitos buracos.

Informante: HK

Contexto: *As criança não vão muito estudá pra Barra, é ruim, não mandam pra aldeia ônibus pra levá. Às veze, época passada tinha um micro-ônibus mas não aguentô muito tempo, rápido cancelaru, o trecho não é bom, as estrada só <costela de cabra magra> acaba com transporte e ninguém arruma não...*

10

Dar uma carreira: Forçar a menina moça a correr, como parte de um ritual indígena; após permanecer vários dias trancada no quarto, a menina moça sai para a festa e, os pajés e o cacique fazem com que ela corra no meio de todos os participantes.

Informante: MV

Contexto: *É quando a minina tem a primera menstruação, que ela vai pro quarto, aí durante oito dia ela fica pintada, não pode comê nada, no máximo ela toma água e come biscoito e lá depos que ela sai eles vão <dá uma carreira nela> e ela corri.*

11

Dever pra moça: Ter mantido relação sexual com a moça antes do casamento.

Informante: HV

Contexto: *Depende, a gente aqui faz casá mesmo!. Se o índio já <deve pra moça> ele vai tê que sê homi e ficá com ela, outro índio não vai mais querê ela.*

12

Encostar na casa: Fazer uma visita.

Informante: HA

Contexto: *Aqui tudo é parente, parente entra e pode <encostá na casa>, nós somo assim.*

13

Engolir as palavras: Arreponder-se de falar.

Informante: ME

Contexto: *Ela falô pra mim: tu é mesmo índio e come isso, aí eu falei agora tu vai <enguli as palavras> que falô, aí eu joguei ela na caixa d'água, na caixa d'água não, no tanque feito de cimento, só sei que meti murro nela, disse pra ela procurá me respeitá.*

14

Fazer a cabeça: Influenciar alguém a fazer alguma coisa.

Informante: HL

Contexto: *Nessa época, eu não deixei a minha esposa. A menina de outra aldeia, né, que veio <fazê a cabeça> pra mim ficar, né, com ela.*

15

Fazer outro lugar: Buscar novo lugar de moradia para a família.

Informante: MK

Contexto: *Eu nasci e me criei na Sardinha, onde me criei, aí quando foi em 79 nós tivemo...Porque os guajajábra é assim, quando nós começa a aumentá a família, quandu tem a*

família muito grande, tem que procurá <fazê ôtru lugá> pra onde ele tem que levá a família dele, sai daquele local onde nasceu e se criô, <fazê ôtru lugá> pra ele e pra família dele. Nunca fica numa aldeia só, sempre vai sugindo ôtra. Aí eu vim de lá, da Sardinha, aqui já era uma aldeia, aqui na Cachoêra já era uma aldeia...

16

Fazer uma varrida: Organizar caminho estreito no percurso definido como local estratégico de caça.

Informante: HR

Contexto: *Não, a gente vai mais cêdo primêro pra <fazê uma varrida> no mato, a gente calcula mais ou meno onde o bicho pode passá.*

17

Fazer uma conta: fazer algo reprovável.

Informante: HV

Contexto: Eu acho que ele já tinha <feito uma conta na cidade> que ele deixô lá, parece que ele tinha matado outras pessôa lá. E a genti acha que po isso ele veiu pra cá se escondê.

18

Ficar cheio da razão: Ficar alcoolizado, beber muito.

Informante: HL

Contexto: *As brincadeira dele sempre sai discussão com parente, só que bebe, depois que ficam <cheio da razão> perde o contrôli e já sabe, né.*

19

Ficar de boca fechada: Não falar, omitir informação.

Informante: HK

Contexto: *Muitas veze a gente chama a polícia federal, a polícia federal quando chega já se passô, já aconteceu, isso tudinho, pra nós é difícil. E muitas veze a gente fica de <boca fechada> com medo de represária das pessoa não índio, a gente fica de <boca fechada> porque se a gente abri a boca pra falá a gente é peseguidu.*

20

Ficar de olhos bem abertos: Ficar atento, esperto.

Informante: HA

Contexto: *Aí naquele ocasião, ele tá se aproveitando da inocência daquelas pessoas, daqueles índios, mas nós tem os <ólhus bem abertu>, que isso não acontece com a gente [...]*

21

Ficar escabreado: Ficar com medo, atento.

Informante: HA

Contexto: *Quando aconteceu isso, rapá mas eu fiquei com medo, o pai notô logo porque eu comecei <ficá escabriado> de todo mundo que entrava na aldeia...*

22

Ficar igual uma manteiga derretida: Demonstrar comportamento sensível por ser frágil emocionalmente.

Informante: MM

Contexto: *[...] aí isso aí me deixou igual <uma manteiga derretida>. Aí eu fiquei calada [...].*

23

Julgar pela cara: Julgar pela aparência, sem conhecer a pessoa.

Informante: MM

Contexto: *Pois é mulhé, tu não me conhece, eu não vou te <julgá pela cara> não. Aí depôs disso ela me pediu desculpa [...].*

24

Levar chumbo: Ser baleado.

Informante: HK

Contexto: *Aí tava o meu cunhado, a minha irmã, a minha esposa, meu filho minha ôtra irmã e falaru quem se mexê leva chumbo. Eu vi as arma bem pertinho dus meus ólhus, assim.*

25

Levar desaforo: Ser ofendido.

Informante: MP

Contexto: *Hoje eu analiso a minha pessoa, eu era uma pessoa muito agressiva, eu não gostava de <levá desaforo> de ninguém.*

26

Levar o pagamento: Ter a resposta esperada, suportar as consequências dos atos cometidos.

Informante: MP

Contexto: *Nesse dia eu já sabia que iria <levá o pagamento>, fui mexê com o que não podia.*

27

Menos uma boca: Uma pessoa a menos para alimentar. Expressão que se refere a aspecto positivo do falecimento de alguém.

Informante: MK

Contexto: *Ahn rã, já. Tem uns que ainda falam assim, <menos uma boca>, falam quando a gente perde um parenti?*

28

Menina moça: Menina que tem iniciado o ciclo menstrual.

Informante: ME

Contexto: *Foi legal, foi depôs da minha festa que teve da <menina moça>, que as índia só pode namorá depôs dessa festa.*

29

Meter cacete: Bater muito em alguém.

Informante: HR

Contexto: *Caburé...aí quando chegô o dia lá, eles foram pra igreja botá os padre pra ir embora, mas os padre não quisera i não, o jeito foi <metê cacete>.*

30

Meter espada: Matar.

Informante: MM

Contexto: *Cada ponta os Canela e os soldado ficaru, aí os soldado começaram a metê espada e muitos morreru nisso, foi como eles conseguiram dominá os guajajara, só a polícia lá conseguiu. Aí eles mataram criança, jogavam pra cima e espetavam com a faca, eu sei que mataram muito, eles mataram a aldeia todinha.*

31

Morrer de graça: Morrer sem motivo.

Informante: HL

Contexto: *Aí eu falei pra ele: você só não morreu porque eu não deixei, eu podia <morrê de graça>, mas você ia morrê também.*

32

Muito pesado: Pessoa que já viveu muito.

Informante: MD

Contexto: *E a pessoa que foi, foi enterrá, que foi o meu bisavô, ele já era <muito pesadu>, já, os cabelos branquinho, morreu veinho, veinho, e ele era feiticêro também, era pajé, aí morreu e levaram ele pra enterrá na aldeia origem dele lá.*

33

Não saber falar bem claro: Não saber falar a língua padrão.

Informante: MV

Contexto: *INQ. Aqui na aldeia, todas as pessoas falam o português ou tem gente que não fala? INF. Não, não todas. Compreende, mas <não sabe falá bem claro>.*

34

Não valer nada. Ter muitos defeitos e não servir para nada.

Informante: HA

Contexto: *Aquele ali é preguiçoso, ele <não vale nada>, não se invoque com ele, que ele não vale nada.*

35

Negócio muito quente: Acontecimento muito sério.

Informante: HA

Contexto: *Ele foi e disse pra mi i logo, o rapaz fez uma cara que parecia que era um <negócio muito quente> que tinha pra falá, então fômos [...]*

36

Pé de mato: Planta que nasce no caminho onde raramente há pessoas circulando.

Informante: HL

Contexto: *Aí <o pé de mato>, né, já tava querendo cobri os caminhozinho lá, que tava já ruim pra gente andá. Se a gente não tá todo tempo roçando aconteci isso.*

37

Ir pegar de taca: Bater. Surrar.

Informante: HA

Contexto: *Se a mãe dela visse ela olhando pra mim quando passava na rua, a mulhé ia <pegá de taca>, ela era prometida de peia se tentasse aproximá de mim.*

38

Pegar ritmo do branco: Ter os mesmos costumes de pessoas que não são índios.

Informante: HK

Contexto: *Assim... é difícil, mas o casamento primêro agora não que eles, não sei o que aconteci, a gente diz rapaz, não vai pra cidade <pegá ritmo do branco>, isso vai e acontece e depôs não demora muito e os índio ficam fazendo os mesmo erro dos branco, não são todos.*

39

Pessoa guardada: Pessoa protegida de algum perigo.

Informante: MM

Contexto: *E ôtra coisa, vou dá um exemplo aqui, você aqui é uma <pessoa guardada>, ninguém vem mexê com você aqui, nem meus parente de acolá, nem os branco, nem os preto, ninguém vem mexê com você.*

40

Pisar na cabeça da gente: Tratar mal, tratar com descaso.

Informante: MD

Contexto: [...]a gente pode morrer lutando, mas baixá a cabeça, jamás. Aí é assim, às vêzi a gente tem que lutá pra podê os branco não <pisá na cabeça da gente>.

41

Pivô da família: Pessoa que é o chefe principal da família. Responsável de todas as decisões em uma casa específica na aldeia.

Informante: HK

Contexto: Aqui a genti fala pra mãe, é... Pedi primêro pra ela pra depôs ela falá pro pai, aqui ele que deixa ou não e nós tem que obedecê ele, porque em toda casa aqui nós tem o <pivô da família>. Aqui é o pai.

42

Primeira matina: Início de uma experiência nova. Primeiro momento.

Informante: HR

Contexto: Aí meu pai foi pra cidade e até hoje tá lá. Aí eu vim pra cá com a minha esposa, com o meu menino e com a minha filha. Aí logo no começo, nas <primêra matina> qui a genti vêiu não tinha nada ainda aqui. Foi difícil construí tudu novu.

43

Quilômetro puxado: Distância muito grande.

Informante: HL

Contexto: A gente ia assim mesmo, <quilômetro puxado> pra chegá lá, quase todo dia.

44

Resguardo da moça: Período em que a adolescente não pode comer carne de caça, tomar banho no rio sozinha ou namorar.

Informante: ME

Contexto: Tudo isso é o <resguardo da moça>, até enquanto não fizé a festa dela.

45

Sair um bocado: Sair muitas vezes, com frequência exagerada.

Informante: MD

Contexto: *Pras menina é mais rígido, a gente fica mais em casa, não é igual os homi que os pais deixa <saí um bocado> e nem briga muito.*

46

Se guardar para o esposo: Não ter relação sexual antes do casamento, casar virgem. Aplicar-se às mulheres.

Informante: MD

Contexto: *Eles prepara a festa e a moça tem que <se guardá para o esposo>, e no dia que ela casa que vai morá junto.*

47

Sentir na pele: Sofrer.

Informante: ME

Contexto: *O controle que tem é só dizê no papel que tá tudo bem, mas só que na verdade nós que tamos aqui dentro é que sabe o que é <sentir na pele> o que não sai do papel. Então tudo isso é prejudicial pra gente, porque a caça tá sendo devorada pelos caçadoris, o maderero entra, paga uma mixaria pra dois índio, em vez de levá uma carrada já leva duas carrada, o preço já sai só de uma carrada.*

48

Se virar sozinho: Fazer alguma coisa sem depender da ajuda de alguém.

Informante: ME

Contexto: *Eu ia pra cidade, aí meu pai arranjava um pouco de alimentação pra mim, farinha, arroz pra mim pra podê eu botá roça, aí eu botei a roça, tratei da roça todinha, botei legume e segurou, e foi daí que eu comecei a <si virá sózinhu>, sem dependê que buscá ajuda na cidadi.*

49

Temperamento de se defender: Capacidade de se defender de alguma coisa.

Informante: HA

Contexto: *E também entre nós é importante cada vez mais, principalmente os jovem, é estudá, conhecê mais o estudo que traz mais conhecimento pra gente, eu acho isso importante, porque hoje em dia as coisa tão difícil, se a gente não tivé o <temperamento de se defender>, quando o branco fala algo errado da gente, a gente não é nada. Muitas vezi, a maioria dos brancu discriminam a gente...aquele índio não sabe falá, aquele índio come essas coisa, mas não é assim, a maioria da sociedade não sabe da realidade da nossa convivência.*

50

Ter temperamento muito forte: Ficar zangado rapidamente e por motivos fúteis.

Informante: HR

Contexto: *Foi eu quem perguntou por que ele empurrou meu sobrinho. Aí na hora da coisa, porque eu também tenho o <temperamento muito forte> também, eu empurrei ele e a gente começô a brigá [...].*

51

Tirar do tempo: Excluir o rapaz que não é um bom candidato para casar com uma índia.

Informante: MD

Contexto: *Mas quando vinha também o rapaz que também não tinha nada de interesse de trabalhá porque na época não existia estudo não existia pra nós, e também aquela pessoa é tipo esculachado . A gente já diz logo pra <tirá do tempo>, não é bom, aquela pessoa já não serve pra nada. Ah aquele ali é preguiçoso ele não vale nada, não se invoque com ele, que ele não vale nada, até que aparece ôtro candidato.*

Acontece aqui, acolá		X		X		X		X		X		X
Ajeitar o casamento		X		X		X		X		X		X
Bate bucho		X		X		X		X		X		X
Botar roça		X		X		X		X		X		X
Comer coisa carregada		X		X		X		X		X		X
Comer o pão que o diabo amassou		X		X		X		X		X	X	
Comida leve		X		X		X		X		X		X
Costela de cabra magra		X		X		X		X		X		X
Feito uma conta		X		X		X		X		X		X
Ficar cheio da razão		X		X		X		X		X		X
Ficar de boca fechada		X		X		X		X		X		X
Dar uma carreira		X		X		X		X		X	X	
Dever pra moça		X		X		X		X		X		X
Encostar na casa		X		X		X		X		X		X
Engolir as palavras		X		X		X		X		X		X
Fazer a cabeça		X		X		X		X		X	X	
Fazer outro lugar		X		X		X		X		X		X
Fazer uma varrida		X		X		X		X		X		X
Ficar escabreado		X		X		X		X		X		X
Ficar igual uma manteiga derretida		X		X		X		X		X		X
Julgar pela cara		X		X		X		X		X		X
Levar chumbo		X		X		X		X		X	X	
Levar desaforo		X		X		X		X		X		X

Levar o pagamento		x		x		x		x		x		x
Menos uma boca		x		x		x		x		x		x
Menina moça		x		x		x		x		x		x
Meter cacete		x		x		x		x		x		x
Meter espada		x		x		x		x		x		x
Morrer de graça		x		x)		x		x		x	x	
Muito pesado		x		x		x		x		x		x
Não saber falar bem claro		x		x		x		x		x		x
Não valer nada		x		x		x		x		x		x
Negócio muito quente		x		x		x		x		x		x
Ficar de olhos bem abertos		x		x		x		x		x		x
Pé de mato		x		x		x		x		x		x
Pegar de taca		x		x		x		x		x		x
Pegar ritmo do branco		x		x		x		x		x		x
Pessoa guardada		x		x		x		x		x		x
Pisar na cabeça da gente		x		x		x		x		x		x
Pivô da família		x		x		x		x		x		x
Primeira matina		x		x		x		x		x		x
Quilômetro puxado		x		x		x		x		x		x
Resguardo da moça		x		x		x		x		x		x
Sair um bocado		x		x		x		x		x		x
Se guardar para o esposo		x		x		x		x		x		x

Sentir na pele		x		x		x		x		x	x	
Se virar sozinho		x		x		x		x		x		x
Temperamento de se defender		x		x		x		x		x		x
Ter temperamento muito forte		x		x		x		x		x		x
Tirar do tempo		x		x		x		x		x		x

Fonte: Quadro elaborado pelos pesquisadores.

Apresentamos no quadro 7 a comparação das fraseologias registradas nos trabalhos, seguidas de suas definições, com as fraseologias identificadas na fala dos guajajáras e a significação por eles apresentada.

Quadro 7– Levantamento em dicionários fraseológicos e obras sobre fraseologias.

FRASEOLOGIAS NO FALAR DOS GUAJAJÁRAS	FORMA REGISTRADA NOS TRABALHOS CONSULTADOS
Comer o pão que o diabo amassou Definição: sofrer muito, passar por situação muito difícil.	Comer (d) o pão que o diabo amassou Definição: Passar por grandes privações; enfrentar dificuldades (SILVEIRA, 2010, p. 170)
Dar uma carreira Definição: Forçar a menina moça a correr, como parte de um ritual indígena; após permanecer vários dias trancada no quarto, a menina moça sairá para a festa e, os pajés e o cacique fazem com que ela saia no meio de todos os participantes da festa.	Dar uma carreira Definição: Dar uma corrida; Correr. (SILVEIRA, 2010, p. 259)
Fazer a cabeça Definição: influenciar alguém a fazer alguma coisa.	Fazer a cabeça Definição: Modificar o pensamento de alguém; Convencer, orientar uma pessoa (SILVEIRA, 2010, p. 414)
Levar chumbo Definição: Ser baleado.	Levar chumbo Definição: Receber tiros. (SILVEIRA, 2010, p. 259)
Morrer de graça Definição: Morrer sem motivo	Morrer de graça Definição: Ser vítima de acidente fatal; morrer

	por assassínio. (SILVEIRA, 2010, p. 616)
Sentir na pele Definição: sofrer.	Sentir na (própria) pele Definição: Ressentir-se profundamente de alguma coisa; sentir realmente em si; experimentar uma situação desagradável (SILVEIRA, 2010, p. 756)

Fonte: Quadro elaborado pelos pesquisadores.

Ressaltamos que, durante a consulta aos dicionários e outras obras, verificamos várias ocorrências de fraseologias que apresentaram registro com significado muito próximo dos significados das fraseologias coletadas na fala dos índios, porém, a expressão linguística é diferente, como, por exemplo, as fraseologias: *engolir sapos*⁵³, correspondendo a *engolir as palavras* (no falar dos guajajáras); *Ficar atento*⁵⁴ correspondendo a *ficar esperto*, (no falar dos guajajáras); *Não valer uma pipoca*⁵⁵, correspondendo a *não valer nada*, (no falar dos guajajáras); *Ficar de bico calado*⁵⁶ correspondendo a *ficar de boca calada* (no falar dos guajajáras). Verificamos também que há, nos livros e dicionários que consultamos, fraseologias que são constituídas apresentando característica formal igual à das unidades fraseológicas dos guajajáras, mas que possuem significado diferente, por exemplo, a fraseologia *Tirar do tempo*⁵⁷ que aparece significando *Desregular o motor do carro*. Essa mesma expressão aparece na fala dos guajajáras mas com o significado de ação de excluir o rapaz que não é um bom candidato para casar com uma índia.

⁵³ (MAGALHÃES JÚNIOR, 1974, p. 113)

⁵⁴ (SILVEIRA, 2010, p. 479)

⁵⁵ (SILVEIRA, 2010, p. 902)

⁵⁶ (SILVEIRA, 2010, p. 476)

⁵⁷ (SILVEIRA, 2010, p. 861)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho nos proporcionou conhecer mais sobre esse fenômeno complexo e que ainda se configura palco de diferentes interpretações – a unidade fraseológica.

Com a realização da pesquisa sobre unidades fraseológicas do português em contato com o falar guajajára, conseguimos confirmar a hipótese inicial levantada na pesquisa. Assim, podemos afirmar que o uso de fraseologias é uma realidade presente no léxico da língua portuguesa falada como segunda língua por índios guajajáras da aldeia Cachoeira e que essas expressões podem se comportar, estrutural e semanticamente, de forma similar às dos falantes do português como primeira língua.

Acreditamos que o suporte teórico que adotamos como base para o trabalho, em especial, no que tange à forma de se conceber as unidades fraseológicas, considerando a *visão ampla* para trabalhar com as fraseologias foi fundamental para a pesquisa, pois, assim, conseguimos contemplar as diferentes formas estruturais de unidades fraseológicas em português que circulam na comunicação dos índios guajajáras.

Reforçamos que a metodologia que utilizamos (pesquisa de campo, coleta de narrativas orais pessoais, temáticas das narrativas e abordagem base dos direcionamentos da sociolinguística) certamente contribuiu para um melhor desenvolvimento de todo o processo de realização desta pesquisa. Dessa forma, as etapas e escolhas realizadas para o alcance dos objetivos da pesquisa revelaram-se coerentes com a proposta de trabalho e contribuíram para a obtenção dos resultados que alcançamos.

Em relação aos nossos objetivos, conforme descrevemos no capítulo 4, *Resultados*, podemos dizer que cumprimos o que propusemos e alcançamos os objetivos da pesquisa, apresentando 51 unidades fraseológicas identificadas no falar dos guajajáras, juntamente com o resultado do levantamento dessas expressões consultadas nas seis obras selecionadas.

Ressaltamos que, se por um lado, no léxico do português em contato com os índios guajajáras, da aldeia Cachoeira, há a ocorrência de fraseologias, por outro lado, em relação aos resultados do levantamento bibliográfico nas obras especializadas, o levantamento revelou a inexistência de registro da maioria das fraseologias presentes no falar dos guajajáras, pois, das 51 fraseologias dos guajajáras, apenas seis foram identificadas e todas em um mesmo dicionário.

Dessa forma, ratificamos que os índios guajajáras em suas interações sociocomunicativas fazem uso de fraseologias em português. Essas fraseologias apresentaram

não só os mesmos conteúdos que podem ser verificados na fala de falantes do português como primeira língua, (como, por exemplo, *comer o pão que o diabo amassou; morrer de graça etc*), mas também, observamos que muitas fraseologias revelaram ser específicas da comunicação na aldeia - *acampar no quarto; costela de cabra magra etc*.

Acreditamos que realizamos o trabalho a que nos propusemos e reforçamos a importância de pesquisas dessa natureza – que descrevam a língua do português de contato na perspectiva dos estudos fraseológicos.

REFERÊNCIAS

BIDERMAN, M. T.C. **Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. Unidades complexas do léxico. In: Rio-Torto, G.; Figueiredo, O.M; Silva, F. (Org.). **Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. 1ª ed. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, v. II, p. 747-757.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. 4.ed. São Paulo: Parábola, 2002.

CENTRO INÍGENA: Disponível em: <http://www.cimi.org.br/site/pt-br/?system=paginas&conteudo_id=5685&action=read>. Acesso em: 20/06/2015.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTA, Mário Eduardo *et al.* **Manual de linguística**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CORREIA, Margarita. **Os dicionários portugueses**. Lisboa: Caminho, 2009.

COUTO, Patrícia Navarro de Almeida. **Os Filhos de Jaci: Ressurgimento étnico entre os Tupinambá de Olivença –Ilhéus – BA**. Monografia (Departamento de antropologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

DICIONÁRIO DE EXPRESSÃO POPULAR. Disponível em: <<http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/busca.do?expressao=Bater%20as%20botas>>. Acesso em: 22/05/2016.

FAULSTICH, E. Socioterminologia, mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**, vol. 24, n.2, 1995 – Artigos.

INSTITUTO DE PESQUISA DO INCRA. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/institucional_abertura>. Acesso em: 18/06/2015.

INSTITUTO DE PESQUISA INDÍGENA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/index.php/quem-somos>>. Acesso em: 24/06/2015.

INSTITUTO DE PESQUISA DA FUNAI. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/quem-somos>>. Acesso em: 27/06/2015.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à Terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LUQUE NADAL, Lucía. Culturemas y fraseologismos históricos como “esquemas ideológicos prototípicos: estudo interlinguístico. In: HOHENGEHREN, Schneider Verlag. **Phraseologie und Paromologie**. Baltmannsweiler: Schneider Verlag, 2011.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. **Dicionário de provérbios e curiosidades**. São Paulo: Cultrix,

1964.

_____. **Dicionário de provérbios, locuções e ditos curiosos**. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1974.

MAPA CIDADES DO MARANHÃO. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Arame+-+MA/@-4.8871359,6.0101626,4531m/data=!3m2!1e3!4b1!4m2!3m1!1s0x92cc3c4a967b9819:0xc5146fa6a3ecaef2>>. Acesso em: 28/10/14.

MEJRI, Salah. Phraséologie et traduction. Pour une typologie des phraséologismes dans les discours spécialisés. In: HUERTA, Pedro Megorrón; MEJRI, Salah (dirs.). **Encuentros Mediterráneos/Rencontres Méditerranéennes**. Lenguas de especialidad, traducción, fijación/Langues spécialisées, figement et traduction. Paris: Université de Paris 13, 2012. V.4. p. 19-31.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza. **Introdução a Sociolinguística: o Tratamento da Variação**. São Paulo: Contexto, 2012.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MONTORO DEL ARCO, E.T. **Teoría Fraseológica de las locuciones particulares**. Las locuciones prepositivas, conjuntivas y marcadores del español. Frankfurtam Main: Peter Lang, 2006.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. **Fraseologia: era uma vez um patinho feio no ensino de língua materna**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. 309 p. (estudos da Pós-Graduação).

NASCENTES, Antenor. **Tesouro da fraseologia brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

NASCIMENTO, Maria Fernanda Barcelar do. Processos de lexicalização. In: RAPOSO, Eduardo *et al.* (Orgs.). **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. V.1. p. 2013-246.

PONTES, Antônio Luciano. **Dicionário para uso escolar: O que é como se lê**. Fortaleza: EdUECE, 2009.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo. Ariri-de-festa, Angu-de-carço e Banda-de-esteira: a fraseologia maranhense na obra de Domingos Vieira Filho. In: LIMA, Alcides Fernandes de; OLIVEIRA, Marilúcia Barros de; RAZKY, Abdelhak (Coords). **II Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística**. Ed. 1. São Luís: EDUFMA, 2012.

RIBEIRO, João. **Frases feitas**. Aracaju: Ed. Sercore, 1984.

RIVA, Huéinton Cassiano. O levantamento de Neologismos Fraseológicos. In: ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz (Org.) **Tendências atuais na Pesquisa Descritiva e Aplicada em Fraseologia e Paremiologia**. Campinas (SP): Pontes Editores, 2012. V.1.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Língua Brasileira: para o conhecimento das línguas**

indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

SEKI, L. **a lingüística indígena no brasil**. *D.E.L.T.A.* 15. 257-290. São Paulo. 1999.

SERRAINE, Florisval. **Dicionário de termos populares** (registrados no Ceará). Rio: Organização Simões Editora, 2006.

SILVEIRA, João Gomes da. **Dicionário de expressões populares da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SIMÕES, Guilherme Augusto. **Dicionário de expressões populares portuguesas**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

SOUTO MAIOR, Mário. **A língua na boca do povo**. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1992.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 2.ed. São Paulo: Princípios, 2001.

VILELA, Mário. **Estruturas léxicas do português**. Coimbra: Livraria Almeida, 1979.

XATARA, Claudia Maria. **Tipologia das Expressões Cristalizadas**. *Alfa – Revista de Linguística*, São Paulo: v.39, p. 169-176, 1998.

_____; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie (org). **Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

APÊNDICES

Ficha da Localidade

1. NOME OFICIAL:

2. NOME REGIONAL:

3. NOMES ANTERIORES:

4. NOME (S) DADO (S) AOS HABITANTES:

a) pelos próprios habitantes:

b) pelos habitantes de outras localidades:

5. NOME DADO AO FALAR LOCAL:

a) pelos próprios habitantes:

b) pelos habitantes de outras localidades:

6. NÚMERO DE HABITANTES:

a) oficial

b) cálculo do informante

7. ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES:
--

8. INDÚSTRIAS CASEIRAS:

9. SUBLOCALIDADES (subúrbios, subdistritos, povoações etc.):

10. COMUNICAÇÕES (viárias, fluviais, marítimas, ferroviárias etc.):
--

11. DADOS SOBRE A INFRAESTRUTURA DA LOCALIDADE (alojamentos, escolas, hospitais etc.):

12. DADOS SOBRE EMIGRAÇÃO:

13. DADOS SOBRE IMIGRAÇÃO:

14. CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DA LOCALIDADE:
--

15. HISTÓRICO SUCINTO DA LOCALIDADE (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes):

16. OBSERVAÇÕES GERAIS:

FICHA DO INFORMANTE

Código do informante:

DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE

1. NOME:		2. SEXO: () M F ()	
3. NATURALIDADE:	4. DATA DE NASCIMENTO:	5. IDADE:	6. ESTADO CIVIL: A. () solteiro B. () casado C. () viúvo D. () outro
ENDEREÇO:			
7. LOCALIDADE:	8. DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA ALDEIA:	9. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A. () Sim B. () Não	

10. PROFISSÃO:

CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

<p>11. ASSISTE TV? A. () todos os dias B. () às vezes C. () nunca</p>	<p>12. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. () novelas D. () noticiários B. () esportes C. () Filmes</p>
<p>13. TIPO DE TRANSMISSÃO: A. () rede gratuita B. () parabólica C. () tv por assinatura</p>	<p>14. OUVE RÁDIO? A. () todos os dias B. () às vezes D. () o dia inteiro C. () nunca E. () enquanto viaja</p>
<p>15. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. () noticiário geral D.() noticiário policial B. () esportes E. () música C. () pr. religioso F. () outros</p>	<p>16. LÊ JORNAL : A. () todos os dias D. () semanalmente B. () às vezes E. () raramente C. () nunca</p>
<p>17. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A. () editorial D. () pr. cultural G. () classificados B. () esportes E. () política H. () outra C. () variedades F. () página policial</p>	
<p>PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES</p>	

--

	FREQÜENTEMENTE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
18. CINEMA				
19. TEATRO				
20. SHOWS	A. ()		C. ()	D. ()
21. MAN. FOLCLÓRICAS	A. ()	B. ()	C. ()	D. ()
23. FUTEBOL	A. ()	B. ()	C. ()	D. ()
24. OUTROS ESPORTES	A. ()		C. ()	D. ()
	A. ()	B. ()	C. ()	D. ()
	A. ()	B. ()	C. ()	D. ()

27. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA?

PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA

28. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE:

- A. () tímido
- B. () vivo
- C. () perspicaz
- D. () sarcástico

29. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO:

- A. () total
- B. () grande
- C. () média
- D. () fraca

30. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO:

A. () cooperativa

B. () não cooperativa

C. () agressiva

D. () indiferente

31. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR:

A. () grande B. () médio C. () pequeno D. () nenhum

32. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES:

A. () sim B. () não

33. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO (S) CIRCUNSTANTE(S):

34. AMBIENTE DO INQUÉRITO: